





---

Nome do Autor

**Maria João Gonçalves Portugal**

Título da Dissertação

**Novas Abordagens de Experiência e Participação Social  
no Projecto Suburbano**

Nome do Orientador

**José Manuel da Silva Bárto**

Ano de realização

**2010**

Identificação do Curso

**Mestrado em Design**

Núcleo de Especialização

**Espaço Urbano e Interiores**

Instituição

**ESAD – Escola Superior de Artes e Design**

---





À minha família e aos meus amigos...



# Palavras-chave

---

Participação; Contemporaneidade; Suburbanidade

## Resumo

---

O fim da cidade moderna encontrou a demolição, reestruturação ou requalificação como os factores activos na alteração das suas estruturas internas e externas, tentando acompanhar, a partir da década de 60 do século XX, uma emergente e crescente era na urbanidade e da suburbanidade. A actualização e transformação da cidade despontavam, desta forma, um novo desafio à Arquitectura, Engenharia e Design, criando, já no século XXI, uma nova dimensão participativa e humana, em detrimento de uma tipologia historicamente industrializada, que respondia somente aos problemas quantitativos da habitação e vivência social.

A intenção central desta dissertação analisa a intersecção de sistemas descentrados no contexto urbano, que adequam uma estrutura social a uma estrutura habitacional, remodelando os modos de actuação no projecto, através de uma visão cooperativa e produtora de profissionais e utilizadores, entre o projecto e o Homem. Procurando reflectir sobre o papel do Design e da Arquitectura como mediadores de novos conceitos transdisciplinares, esta dissertação demonstra como o seu diálogo se estende no mundo físico.

A condição contemporânea considera e adapta uma forma harmoniosa à urbanística dos grandes empreendimentos, sendo as obras da dupla artística Haas and Hahn, do colectivo Bureau des Mésarchitectures e do arquitecto Alejandro Aravena, depois de rigorosamente contextualizadas e examinadas, elementos dessa atitude projectual. O cenário arquitectonicamente progressista e socialmente regressivo surge de uma metrópole sem solução de continuidade e com uma manifesta falta de interacção pessoal, desencadeadas por uma vontade de construção rápida e uma complexa e estratificada malha suburbana. A partir desta lógica, a reflexão assegura, através da articulação de um conjunto de exercícios projectuais contemporâneos, que a cidade transcultural é procurada e demandada, envolvendo os seus sujeitos migrantes no processo participativo, tirando partido dessa conquista mútua.



# Keywords

---

Participation; Contemporaneity; Suburban

# Abstract

---

The extinction of the modern city uses demolition, re-structure and re-qualification as active factors in the alteration of internal and external structures, in order to track the emergent era of urbanity, started on the 60s. In this way, the update and transformation of the city, already on the 21st century, constitutes a challenge to Architecture, Engineering and Design, creating a new active human dimension. This approach opposes a historically industrial typology, which only dealt with quantitative issues of social residence.

The intersection of systems not focused on the urban context adjusts the social structure to a residential structure, and constitutes the main subject of analysis of this thesis. It reformulates the actions in the project based upon a cooperative vision between the project and Man, creating professionals and users. Design and Architecture mediate new transdisciplinary concepts, extending their dialogue to the physical world, as demonstrated on this thesis.

The contemporary condition considers and adapts a harmonious form to the urbanization of great scale. After proper contextualization and examination, excellent examples of this project attitude are the artistic duet Haas and Hahn, the company Bureau des Mésarchitectures and the architect Alejandro Aravena. The architecturally progressive/socially regressive scenario appears in a metropolis without continuity and with a lack of personal interaction, led by a will of fast construction of a complex and stratified suburban net. Following this logic, through an array of projectual exercises, it is ensured that there is a demand for the transcultural city, involving migrants and taking advantage of that mutual conquest.



# Agradecimentos

---

Expresso os meus sinceros agradecimentos ao orientador,  
Professor Dr. José Manuel da Silva Bártolo, por todo  
o apoio dedicado, e também à Escola Superior de Artes  
e Design de Matosinhos.



# Índice

---

INTRODUÇÃO	017
------------	-----

---

## CAPÍTULO 1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO ACTUAL

<b>1.1. A Cidade Operativa e a Cidade Cooperativa</b>	<b>022</b>
1.1.1.A Modernidade e a Urbanidade	023
<b>1.2. A Modernidade em crise</b>	<b>026</b>
1.2.1. A cidade contemporânea e a matéria suburbana	027
<b>1.3. 'Tear it down'</b>	<b>030</b>
1.3.1. A tipologia e condição suburbana instituída na Modernidade	031

---

## CAPÍTULO 2 INTEGRAÇÃO E PARTICIPAÇÃO COMO ACTUALIZAÇÃO DO PROCESSO E DO ESPAÇO

<b>2.1. O espaço e não espaço</b>	<b>038</b>
2.1.1.O lugar do projecto na periferia contemporânea	039
2.1.2. O espaço do projecto e o espaço dos serviços	041
<b>2.2. Comunidade Desvirtuada</b>	<b>044</b>
2.2.1. A herança projectual moderna e a proposta como projecto	045
2.2.2. As novas tipologias de proposta	047
<b>2.3. A cidade entre projecto acabado e o projecto inacabado</b>	<b>052</b>
2.3.1. A cidade é o mapa e o ponto de partido o habitante	053
2.3.2. A Cidade-Texto e a Cidade-Post-it	056
<b>2.4. O instrumento anti-político como instrumento de projecto</b>	<b>058</b>
2.4.1. O programa informal e o programa de acção	059
2.4.2. Entre a participação e o activismo	061

---

CAPÍTULO 3  
MAPEAMENTO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

<b>3.1. Experiência da cidade experimentada</b>	<b>066</b>
3.1.1. O espaço da experiência	067
3.1.2. Experience Age	070
<b>3.2 Espaço e cultura descentrada</b>	<b>074</b>
3.2.1. A narrativa e a escrita do socio-espaço	075
<b>3.3. A receita periférica</b>	<b>080</b>
3.3.1. Projecto descentrado no espaço centrado	081

CAPÍTULO 4  
O PROJECTO E OUTRAS LIMITAÇÕES

<b>4.1 O projecto como momento do projecto</b>	<b>086</b>
4.1.1. A arquitectura é um momento na arquitectura	087
4.1.2. A acção e cooperação na narrativa do projecto	090
<b>4.2 Política participativa</b>	<b>094</b>
4.2.1. A experiência como elemento projectual	095
4.2.2. A experiência da Periferia como espaço de oportunidades	097
<b>4.3 Colectivo Elemental</b>	<b>100</b>
4.3.1. Quinta de Monroy - Espaço, Tempo e Habitante	101
4.3.2. As práticas e metodologias projectuais contemporâneas	104
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>111</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>115</b>
<b>WEBLOGRAFIA</b>	<b>121</b>





---

# INTRODUÇÃO

---

NOVAS ABORDAGENS DE EXPERIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO PROJECTO SUBURBANO



---

# Introdução

---

“ Perguntamos às famílias se querem isto ou aquilo...  
e o que vamos ter que deixar de fazer para o poder projectar. “

Alejandro Aravena, 2009  
ELEMENTAL, CHILE

A crise do espaço e da matéria urbana, antecipa e acelera o processo de extinção da era Moderna, encontrando-se num lugar entre o projecto inacabado e um sistema cada vez mais desvirtuado. A preocupação central desta dissertação é compreender de que forma o crescimento demográfico, exponencial e descontrolado, das últimas quatro décadas, afectou o campo projectual e social, e perceber, simultaneamente, o modo como uma política projectual, fortemente presa aos preceitos modernos, ofuscou a dimensão cultural e humana, na escala de valores que delineiam as novas dinâmicas.

A extensão das massas urbanas, que se ampliam e se sobrepõem à Cidade, gera novas necessidades e processos que se alimentam em sentido contrário à herança moderna, tornando assim pertinente, explicar o que acontece na transição entre uma Cidade Operativa, que se projectou numa matriz fixa e amnésica ao próprio lugar social, e uma Cidade Cooperativa, lugar onde o habitante prevalece como motor de movimento e de extensão de território. Apoiado na análise dos fenómenos sociais das grandes metrópoles, irá estudar-se, e perceber, como o desenvolvimento espontâneo e repentino das periferias é manifesto, se estabelece e sobrevive como cidade informal. No caso específico da Europa, apesar dos focos de reformulação urbanísticos existirem em menor escala do que na América do Sul, é essencial entender de que forma o aumento de manifestações culturais anexadas à cidade centralizada, converge para um lugar de divergência urbana. A imprevisibilidade deste tipo de fenómenos suburbanos, não se descobria numa operatividade urbana erguida pelo projecto moderno, encontrando-se com outras tipologias sociais e urbanísticas, como o projecto Double Happiness e a Puzzle-House. A ascensão da subcultura periférica e da contra-cultura centralizada como lugar na urbanidade, recria a consequente necessidade de analisar a reformulação e actualização da cidade, no seu espaço físico e social, questionando os paradigmas instituídos e a própria condição contemporânea.

A obstinação moderna, por um estatuto de validade ideológica e política, é devolvida para o campo socio-espacial, em forma de mecanicismos, que se operam num plano distanciado e independente. Actualmente, as manifestações interventivas no território terão de ser analisadas mediante as forças e os acontecimentos sociais que ascenderam até aos nossos dias, em que a participação e a integração passam a ser motes de actualização e formulação do espaço e do projecto.

A indispensabilidade de um mapeamento e de uma identificação da cidade, parte da evolução e mutação urbanística que se tornam, cada vez mais, num ensinamento histórico indirecto, no qual o projecto, como espaço fisicamente encerrado em padronizações e normas, não devolve, nem restitui, o papel de povoador da metrópole. O lugar do habitante, pelo seu carácter mutante, converte-se no centro de discussão, apoiando-se na capacidade cooperativa das massas cidadinas, para restabelecer um ponto de partida de relação com o equipamento urbanístico.

Os canais comunicativos e participativos, que se foram rompendo com a explosão das estruturas urbanísticas suburbanas, promovem a necessidade de se constituírem renovadas metodologias e propostas que funcionam na mesma dinâmica do post-it, capazes de (re)conectar as aspirações e necessidades específicas e gerais da cidade e da comunidade. Recontar a narrativa e estabelecer estratégias e receitas de experiência de continuidade, assumem-se como imperativos de algumas das manifestações, individuais e colectivas, no mundo do design, da arquitectura e da engenharia, que deverão ser examinadas para que permitam situar o espaço, tempo e limites do projecto, como elementos que se articulam com o programa, cada vez mais informal, das dinâmicas sociais contemporâneas.

---

1

---



---

# ENQUADRAMENTO HISTÓRICO ACTUAL

---

NOVAS ABORDAGENS DE EXPERIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO PROJECTO SUBURBANO



11



---

# A Cidade Operativa e a Cidade Cooperativa

---

## 1.1.1. A Modernidade e a Urbanidade

A tentativa moderna de recriar as cidades sobre um plano operativo e analítico, define o controlo e a segurança como máximas no planeamento das cidades, da economia e das dinâmicas sociais. A tensão política e social iniciada no século XX, e reflectida no século XXI, transportou-se para uma tensão espacial onde o crescimento e reformulação do espaço acontecem em torno de um eixo de consciência urbana e de memória. A actualização do espaço moderno para o espaço contemporâneo procura repor as dinâmicas que se insurgem sobre um renovado arquivo de modelos arquitectónicos e sociais, que, por vezes, se tornam incómodos e conflituosos com a própria reminiscência do espaço. Confrontar as divergentes e intermitentes metamorfoses da rede urbana e suburbana, torna-se, na sua essência, uma forma de identificar a volubilidade da extensão pública para o espaço material. A continuidade de estruturas e controlo dos espaços opera na contemporaneidade aos mais variados níveis, tendendo para um processo descontínuo e afastado duma segura repetição no modo que se planeou e se assegurou o espaço público moderno até ao nosso tempo. O progresso da densidade social pública e da sua ocupação sobre o lugar da Modernidade, acrescenta uma superfície que procura mobilizar e editar a Cidade sob forma de manifestações que se promovem, na sua maioria, fora da esfera institucional e política. A delineação que existe entre a periferia e o centro, é o lugar onde a matéria suburbana pode ser trabalhada como anexo ideológico de “lugar” ( Solá-Morales, 2008, p. 194) sem sistema, nem processo. A capacidade de assimilar a extensão e domínio da geografia humana sobre o território político central, converte-se num excelente exercício de investigação e acção sobre a nova matéria urbana. A definição e redefinição de estratégias que se moldam em torno duma preocupação pelas questões sociais e de território, acabam por reajustar valores de inclusão, em vez de valores cívicos classificadores. O trabalho teórico, que pretendeu afinar e enquadrar os novos registos demográficos, atenuou a linha e o processo de operatividade sobre as ordens da Cidade, transformando o passado num fantasma amuralhado por mecanismos de actividade arquitectónica, que não conseguiram gerir o lugar onde nos encontramos.

As matérias para a cidade convertem-se num essencial dispositivo que isola e conjuga novas formas de cozinhar e reinventar a narrativa contemporânea. A arquitectura moderna, estática e cívica, adquire, assim, um movimento como mutação no presente, na ordem urbana e na forma social. A introdução de uma história

sobreposta e contraposta a uma memória de vivência enraizada numa tipologia moderna, metamorfoseia estes novos espaços, centrais e periféricos, num “terreno vertiginoso” (Solá-Morales, 2008, p. 200) e débil de acções e imagens.

A dimensão suburbana encontra-se na Modernidade como um fenómeno que se apresenta com um forte carácter *viral* e que desmonta num emergente cenário social e simbólico. As actividades duma urbe, assente na regularidade dos acontecimentos, começam por desequilibrar-se do caminho moderno, iniciando um processo histórico que entra em ruptura com as propostas e planeamentos idealizados. Apesar de iminente promessa de uma cidade que se afasta de uma operatividade de projectos e práticas, a Europa do Centro e Norte, é convocada a experienciar os primeiros focos de pressão entre a Modernidade e a Urbanidade, reflectindo-se, incansavelmente, na consciência pública. Esta resistência, depois das primeiras reacções de um Pós – Modernismo simulado de imagens e representações que se contrapõem ao abstraccionismo e elitismo Moderno, a condição contemporânea permite elevar a disfunção instalada sob forma de renovados instrumentos de comunicação e participação que se agregam aos domínios governamentais e às consequentes infoestruturas.

Estima-se que o progresso e crescimento dos países europeus após o final da Segunda Grande Guerra, convergiu, na sua maioria, num aumento irregular no *consumo do espaço*<sup>1</sup>. Após o ambiente de depressão e fragilidade durante os tempos de conflito, a demografia europeia alterou-se nas principais cidades, acabando por absorver um exponencial aumento populacional. A reestruturação da cidade na última metade do século XX, enquanto território antropológico em ascensão, instruiu, assim, um problema de espaço, associado, directa e indirectamente, ao eixo ambiental e social. A escala psicológica de uma urbanidade em extensão para a periferia, adquiriu pouco relevo na visão política implementada, esgotando-se na sua discussão económica. A realidade espacial analisada entre a última metade do século XX e o início do século XXI viu-se integrada num processo lento de investigação e de procura de respostas para os paradigmas emergentes.

1 Tschumi, B. (1996), *Architecture and disfunction*, First MIT Press – Paperback Edition, (p.227-231)



1.2



*I like*

**33** export lager beer  
the clear leader!

The billboard features a black and white photograph of a smiling man in a light-colored suit holding a glass of beer. To his right is a bottle of 33 export lager beer. The text is arranged in three lines: 'I like' in a cursive font, '33 export lager beer' in a bold sans-serif font, and 'the clear leader!' in a smaller sans-serif font below it.



---

# A Modernidade em Crise

---

## 1.2.1. A cidade contemporânea e a matéria suburbana

O esforço de tradução da amplitude e disseminação da suburbanidade, perante o modelo contemporâneo, podem assentar em dois eixos diametralmente distintos. No primeiro caso, a visão dos desenhos sociais dum espaço ou comunidade, conserva-se ideologicamente ligada aos cânones modernos, em escala macro e continuamente voltada para as questões métricas e materiais, onde a globalização e a regionalização deste fenómeno se confundem. Por outro lado, existe uma interpretação, mais complexa, afastada de conclusões homogeneizadas, que se aproxima das intercessões urbanas, cruzando e articulando-as com as dimensões *micro* e *macro* da cidade. Este desafiante processo de assimilação contemporâneo, desponta na tentativa de se pronunciar sobre as problemáticas do tecido urbano e sobre as transformações das suas novas texturas. A diversidade e potencial destas estruturas e peles urbanas, encadeia um conjunto de reflexões que nos localizam em movimento de expansão e desconcentração de massas. Desde a segunda metade do século XX até aos nossos dias, a multiplicidade de interferências no espaço é de tal modo exaustiva e curiosa, que autores, como Kiril Stanilov <sup>2</sup>, descreveram esta exploração de lugares espaciais e físicos em torno de quatro tipos de variação suburbana.

*Planned New Towns*, iniciadas na literatura em *Ebenzer Howard and the Garden City Movement* <sup>3</sup> em 1898, apresentam-se como os primeiros fenómenos de mobilidade na cidade, quando, no início da Segunda Guerra Mundial, se alargou a área metropolitana de Londres, na tentativa de reconstruir e criar novos satélites de ampliação e desenvolvimento assente nos principais princípios de Movimento Moderno. *Informal Settlements* ocorrem durante as décadas de 60 e 70 do século XX e têm, na sua origem, uma formação oposta às *Planned New Towns*, onde o crescimento efusivo da população se converte numa explosão espontânea de habitabilidade informal e generativa, que se apropria e se anexa como ponte de sobrevivência à cidade centralizada. Este tipo de manifestações descontrola e monopoliza o sistema urbano, ocupando o papel marcante na evolução das grandes cidades de continentes como África, Ásia e América do Sul. A população, nestes focos, é maioritariamente periférica, moldando os contornos e tornando-se um curioso volante de alterações antropológicas e políticas.

<sup>2</sup> Kiril Stanilov citado por Fishman sobre as quatro de tipologias de sub-urbanidade *Informal Settlements, Planned New Towns, Edges Cities e Sprawl*.

Fishman, R.(1987). *Bourgeois Utopia: The Rise and Fall of Suburbia*. New York: Basic Books

<sup>3</sup> Howard, E. (1902), *Garden Cities of Tomorrow*. London: S. Sonnenschein & Co., Ltd

Associado ao eixo de crescimento e desenvolvimento das grandes capitais, as *Edges Cities*, residenciais e não-residenciais, localizam-se no eixo urbano onde a ascensão económica promove altos níveis de produtividade, tornando-as cidades autosustentáveis e independentes do sistema político do cerne da metrópole. Também designadas por *Techno Urbs*, emergem nos últimos 30 anos, paralelamente, com o progresso tecnológico monopolizado, na sua maioria, nos Estados Unidos da América e no Japão. A quarta e última tipologia de subúrbio, *Sprawl*, está historicamente relacionada com expansão, essencialmente de baixa densidade, que se alarga nos territórios naturais mais periféricos do que a periferia, sobrepondo-se, pela sua grandeza, aos limites das cidades circundantes. Estas terras deparam-se com um baixo nível de desenvolvimento social e cultural, tornando-se esferas territoriais informes e estáticas.

Atentando, com particular incidência, no fenómeno supramencionado das *Informal Settlements*, os governos experimentaram, ao longo da história e do crescimento da cidade, repartir esses grupos marginais pelas periferias das cidades, tentando solucionar este problema cada vez mais comum. Descurando a importância da componente estrutural, que os mesmos representam para a sobrevivência da cidade burguesa, foram criando, de forma inconsciente, problemas maiores, como o da mobilidade no acesso às metrópoles, esquecendo-se que o *urbanismo deve produzir lugares*<sup>4</sup> extensos e integrados na rede social.

Tornar a cidade operativa e cooperativa implica uma sensível e crítica capacidade de percepcionar a realidade e as realidades de forma a conseguir rever e reformular metodologias processuais. O agravamento demográfico e a convergência de grandes populações nas metrópoles constituem um dos mais sérios e incontrolados problemas da contemporaneidade suburbana. Os projectos auto suficientes, governados pelos seus habitantes, atribuem uma noção de autonomia e poder à comunidade, que apenas poderá operar se nela existir uma participação activa e social. A independência do espaço enquanto sistema social cria uma solução que poderá ser *autogerida e manipulável*<sup>5</sup>, capaz de fazer prevalecer e reforçar a identidade e domínio do habitante enquanto proprietário do espaço onde reside, onde habita.

4 Ascher, F. (2001), *Les nouveaux principes de l'urbanisme. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour*, Éditions de l'Aube

5 Siza, A. (2009), *JA - Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos ( Vol. 234)





---

# “Tear it down”

---

## 1.3.1. A tipologia e condição suburbana instituída na Modernidade

A reforma e inovação da prática do planeamento e do projecto urbano reflectem desânimo contemporâneo com os planos da Modernidade vigentes. O processo de mapeamento da contemporaneidade requer uma profunda reavaliação e redefinição do factor social, político e projectual na produção material e cultural, na sua eficácia perante as urgências da sociedade suburbana marginal. A identificação e o registo da correspondência, entre os ambientes e os habitantes, traduzem um coerente quadro de serviços e estratégias que poderão, de certa forma, responder e delinear as imperantes problemáticas da habitação e vivência sociais. Tempo e memória da cidade crescem em torno de valores que, no seu limite, são brutalmente homogeneizados e não se encontram nem no seu tempo nem na sua memória.

Heterodoxa, al menos, respecto a la historiografía que, tomando la historia del CIAM como la historia de la arquitectura moderna, rompe toda referencia al proyecto urbano a partir de 1930. Y la hacerlo así, há confundido algunos de los pasajes más significativos en la construcción contemporánea y oscurecido las contradicciones que el progreso cultural implica.

SOLÁ- MORALES, 2008, p.203

A desordem na presente paisagem urbana, encontra e identifica significativos desenhos homogéneos e heterogéneos nas suas dinâmicas. Contudo a influência da formalidade e politização modernas, torna os climas sociais e de habitabilidade contemporânea, potenciais e flexíveis pontos de erosão de paradigmas institucionalizados.

O conhecido projecto *Pruitt-Igoe*<sup>6</sup> (St Louis, EUA), desenhado pelo arquitecto *Minoru Yamasaki*, simbolizando uma histórica ruptura e um espectável fim da era Moderna, recebeu, no tempo da sua implantação, inúmeros prémios de Arquitectura por o *American Institute of Architects*, por ser considerada uma obra que oferecia uma excelente qualidade construtiva com um baixo orçamento. A experiência e o tempo absorveram o conceito moderno de operatividade no projecto, tornando-a uma habitação social, que procurava repelir os seus habitantes do seu centro familiar e de conforto. A experiência de habitar foi destronada por uma experiência atómica de sobrevivência, dentro dum sistema e de um programa arquitectónico que afugentava uma orgânica social. Construído em 1955, implantou-se como compêndio das normas modernas para a habitação social, edificado em altura, com corredores de acesso a espaços colectivos e públicos, cobertos de simetrias e de um módulo habitacional que se repete ao longo de toda a estrutura do complexo.

<sup>6</sup> Ramroth, William G. (2007). *Planning for Disaster: How Natural and Man-made Disasters Shape the Built Environment*. Kaplan Publishing

“Pruitt-Igoe representa, no seu projecto arquitectónico, um exemplo de uma política nacional de habitação cujo único objectivo é proporcionar casas baratas para famílias sem recursos, com desconhecimento ou menosprezo pelo desenvolvimento de uma comunidade e da sua vizinhança”

YANCEY, 1972, citado por SOCZKA, 2005

O carácter operacional que se adoptou em muito dos projectos da Modernidade entre as décadas de 50 e 70, essencialmente junto das comunidades mais pobres e periféricas, não foi capaz de relativizar todas as nuances sociais que o seu planeamento exigia. Com a implosão massiva das comunidades periféricas e a sua consequente movimentação para os inovados edifícios, não dissolve, em nenhum sentido projectual ou material, as problemáticas já presentes na comunidade, resultando destas urbanizações, o desenvolvimento de um síndrome de diferenciação e de uma nova subcultura mais ampliada e resistente aos centros urbanos. A sua transferência geográfica e arquitectónica, provou, que os urbanistas e os políticos dessa década, procuraram perder a ligação entre o crescimento descompensado da cidade e a sua civilização. A sua incapacidade de identificar as problemáticas de criminalidade e insegurança das periferias tornou-se um factor cada vez mais presente numa arquitectura que não é visível da Cidade. Um arquitectura marginal, uma vivência marginal que se dissocia do seu lugar.

Projectado em 1951 e, mais tarde, demolido em 1972, *Pruitt-Igoe* representa o fenómeno Moderno (anti- Moderno) mais paradigmático, onde arquitectura como arquitectura apenas permite uma ligação desumanizada e forçada entre o projecto e as suas intenções, onde o planeamento material se sobrepõe a questões de vivência mais informais, deficientemente definidas e decretadas. Os focos de violência e marginalidade foram corroendo o edifício durante os 16 anos da sua existência, tornando-o num lugar visivelmente delinvente, e, incapaz de se auto-superar como projecto. A sua implosão, registada em fotografia e vídeo, converte-se numa exuberante figuração do *fim da modernidade*, a demolição de todos os desejos modernistas.

Conhecido por ser o “arquitecto amaldiçoado”, autor da obra, Yamasaki (americano de descendência japonesa), teve no seu espólio arquitectónico, duas demolições das suas megalómanas obras que provocaram, simultaneamente, grandes rupturas históricas. Para além da impulsão do complexo de *Pruitt-Igoe*, invocada pela insatisfação dos seus habitantes, e tornada num dos mais manifestos e polémicos erros da história da arquitectura e das utopias das cidades do futuro, também a sua obra do *World Trade Center* foi pulverizada em 2001, duas décadas depois do complexo, por aquele que é considerado como o ataque terrorista mais chocante da história.

Apesar deste fenómeno se tornar conhecido pela sua grandeza e impacto sobre a própria instrumentalização duma ideologia moderna e a pela politização dos estilos arquitectónicos, a lição, que deveria ter sido aprendida pelos projectistas, acaba por não operar no interior no processo projectual, visto que, reconhecemos edifícios como *cliché Pruitt-Igoe em qualquer uma das suas cidades que habitamos*<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Glazer, N. citado por Shea, C., (2007), *Structural Integrity* (2)  
[Data de acesso: 18 de Agosto de 2010]  
[http://www.boston.com/news/globe/ideas/articles/2007/03/18/structural\\_integrity](http://www.boston.com/news/globe/ideas/articles/2007/03/18/structural_integrity)

A decadência da Modernidade como projecto e, essencialmente, como espírito autoritário sobre um programa de vida, alinha-se numa ideia generalizada de operatividade perante o processo de desenvolvimento. Verifica-se que a visão da realidade por um projectista é trabalhada, particularmente, através do desenho, numa óptica individual que se desagrega inteiramente dum processo que se desaproxima do terreno e das suas deformações sociais que necessitam, emergentemente, de uma reestruturação.

*(...) a arquitectura moderna foi posta à prova da «implantação», nos condicionalismos políticos, sociais e culturais mais diferenciados; a influência dos instrumentos críticos e conceptuais recebidos, comprovou-se na esclerose e na ruptura da «frente moderna», traduzida em variadíssimas tendências formais mas também, e mais profundamente, em diferentes concepções da própria arquitectura em face do grau de desenvolvimento de cada país, do peso das tradições e das características antropológicas.*

PORTAS, 1964

Uma das pendências que se desenvolvem, depois da edificação dos modelos modernos da habitação social, é a ausência de *manutenção* de estruturas, convergindo com manifestações adversas ao programa funcional imposto. Tanto a manutenção como a subsistência duma desmedida obra com desmedido encerro, elevam o espírito de operatividade a uma prisão ideológica que não se reconhece como realidade. A habitabilidade, tanto no espaço privado como no espaço público, acontece como uma tipologia e não como um *lugar-habitante*.

O design e a *arquitectura servem para muito pouco, face à preponderância do uso*, afirmou o arquitecto José Capela (2007), acrescentando, também, que *a vida pode bem decorrer sem que sejam necessários espaços arquitectonicamente correctos*, apesar de que o seu “uso por si mesmo (um fenómeno dinâmico) tem uma capacidade de determinar o significado do espaço (uma entidade inerte) que os arquitectos não têm, facto evidente nas variações e mudanças de função” (p.7). A problemática aparece quando o espaço não oferece condições para que a sua usabilidade seja moldável e flexível, mas, na era moderna, esta dicotomia funcionava apenas por uma demandada política e social, que funcionava paralelamente com a arquitectura, criando um modelo social, que procurava repetir-se em maior número. Forçando a excepção, em norma, a sua operatividade deveria potenciar o seu uso, no entanto, no caso específico da habitação social, opera manifestamente com maior intensidade, sujeitando os seus habitantes a uma man(obra) moderna no seu *estado mais puro*<sup>8</sup>.

8 Capela, J. (2007, Janeiro), Para que serve a arquitectura?, *Opúsculo 1- Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitectura*, Porto: Dafne Editora



**Projecto Pruitt Igoe, Minoru Yamasaki**

St. Louis, Missouri (EUA)

Projectado em 1951



**Projecto Pruitt Igoe, Minoru Yamasaki**

**St. Louis, Missouri (EUA)**

**Demolido em 1972**



2



---

# INTEGRAÇÃO E PARTICIPAÇÃO COMO ACTUALIZAÇÃO DO PROCESSO E DO ESPAÇO

---

NOVAS ABORDAGENS DE EXPERIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO PROJECTO SUBURBANO

---

2.1

---



---

# O espaço e não espaço

---

## 2.1.1. O lugar do projecto na periferia contemporânea

A preocupação concreta com a experiência humana desvirtuou, em diversas formas de projecto, a máxima da operatividade que regia uma espécie de matriz moderna. Uma nova poética sobre a atitude projectual, assim como uma deformação da história, transformou a actividade da arquitectura e do design num instrumento multifacetado de domínio, não só do planeamento, mas, essencialmente, de *domínio público*<sup>9</sup>,

A cidade aparece-nos como um espaço de convergência entre actividades e serviços, onde interagem e se encadeiam os mais variados ambientes e oportunidades. O Design e a Arte enquadram-se neste espaço de comunicação e de interacção como capital da diferença, como uma possibilidade de cruzar campos e canais formais e informais, recriando novas propostas, condutas e renovados ambientes sociais.

A introdução da inovação e da renovação do planeamento da cidade pode acontecer quando, o papel do decisor político se transpõe ao papel do artista, quando se questionam algumas das convenções implantadas, e se geram novas alavancas de mudança. O motor da cultura funciona, assim, como um recurso estratégico onde a criatividade artística se torna uma oportunidade para a cidade, para os seus produtos e serviços. Os espaços de informação e de não informação poderão ser regenerados e revitalizados com outros espaços e outros programas, como uma forte componente artística associada a um renovado estímulo social. O espaço de acção terá de ser, menos do que um ponto turístico, e mais um lugar onde as pessoas locais reconhecem esse conjuntos de relações e reflexões sobre o seu contexto social, cultural e humano.

Para que ocorra uma regeneração da cidade é necessário que o papel das artes se agregue, não só a um apoio institucionalizado, mas uma participação de políticas dispersas, que permitam desenvolver massa crítica no capital humano, ampliando a sua rede de espaços, actividades e oportunidades, funcionando, em alguns municípios, como uma resistência à política autárquica.

A *equação da arquitectura*<sup>10</sup>, enquanto resposta arrebatada ao processo e à subsistência imune da Modernidade, traduz-se num projecto estático e perene que permite embeber-se na estrutura social, alicerçando-a, artificialmente, num futuro instantâneo. A Casa Carimbo<sup>11</sup> transforma-se, neste contexto, numa analogia muito próxima da moldura moderna unifamiliar, que se repete inquestionavelmente sobre as cidades, sobre a Cidade. Este projecto assume-se como a plataforma que assenta

9 Hajer, M. & Reijndrop, A., (2002), *In Search of New Public Domain*, Rotterdam : NAI

10 Bandeira, P. (2006), *Projectos Específicos para um Cliente Genérico*, Porto: Dafne Editora

11 Bandeira, P. (2006), *Projecto Casa Carimbo*, Projectos Específicos para um Cliente Genérico, Porto: Dafne Editora (p.106)

sobre o mesmo lugar. Compõe-se, decompõe-se e escala-se em torno duma mesma lógica no processo de configuração da habitação num espaço, numa geografia e numa vivência. O espaço é pronunciado sobre uma encomenda analítica de um *lugar*, duma habitação quantificada por estruturas métricas, acentuado a padronização de arquitectura como um impotente efeito, universalmente desligado das suas questões de carácter pro-activo, menos estáticas e circunscritas. Através deste exemplo, favorecemos a ideia de moldura arquitectural, duma matriz oficial, burocrática e inquestionável, que assina e se impõe, transversalmente, no Projecto Moderno.

A arquitectura surge, nesse contexto, como forma de evocar valores e responsabilidades e travar o crescimento em direcção ao exterior, requalificando o interior da cidade, encarando-a como um grande projecto, no qual a intervenção arquitectónica surge como um novo signo e como processo de desenvolvimento. A ampliação do campo da intervenção da arquitectura no projecto, poderá reduzir o próprio lugar da arquitectura no processo de trabalho, estabelecendo novos espaços e dimensões que vão da *participação à cidadania*<sup>12</sup>, questionando e formando renovadas tipologias arquitectónicas.

O projecto urbano avista a sua totalidade, quando se encontra e assegura a sua eficácia com os seus usuários finais, com a sua população. O seu envolvimento e sua acção, no processo criativo e construtivo, são parte substancial numa renovada e actualizada visão sobre o projecto em arquitectura e em design. O campo projectual torna-se num terreno livre, em aberto, quando combinado com a experiência e a carência do espaço, da cidade e das pessoas. A procura do conhecimento e experiência social no interior das comunidades procura definir, intervir e retribuir com rigor, soluções concretas ao quotidiano da metrópole. Uma visão prática e complexa da *condição suburbana*, converte-se num planeamento pragmático estruturado à escala social e humana. O domínio público acontece quando redefinimos a condição suburbana sob a tentativa de traçar os limites entre a vivência e a sobrevivência do projecto ou do *meta-projecto*. As condições de funcionamento de um programa, dentro de uma comunidade, estipulam o tipo de práticas e de intervenções que poderão dinamizar e atenuar o conflito contextual e social gerador da maioria das problemáticas suburbanas.

As espontâneas e instintivas migrações, excluídas e construídas fora da cidade, foram educando e desenvolvendo comunidades comportamentais e lógicas sociais fixadas num espaço, comunicando e confrontando-se num mesmo habitáculo, como forma de vencer a exclusão, a desintegração. A problemática social sobrepõe-se à problemática da habitação, o factor humano sobrepõe-se ao factor projectual. O espaço da arquitectura é ocupado por um espaço humano, autónomo, que ajusta e materializa um contexto.

12 Bandeira, J. (2005), *Portugal do Estado Novo. Arquitectura e Política do Espírito*: *El G.A.T.C.P.A.C y su tiempo – política, cultura y arquitectura en los años treinta*, Barcelona: Fundación DOCOMOMO Ibérico

## 2.1.2. O espaço do projecto e o espaço dos serviços

A título de exemplo, o trabalho do arquitecto Teddy Cruz, nascido na Cidade da Guatemala, pretende estar afastado dos clichés de informalidade e plasticidade do campo suburbano. Na sua visão, o *paradigma suburbano*<sup>13</sup> enquadra-se num dispositivo flutuante de conflito político, assente na escassez de sistemas e equipamentos que permitam proliferar e reanimar as comunidades fronteiriças. Embora os apoios projectuais e governamentais estejam, actualmente, mais focados na operatividade dos produtos que se empregam nestes eixos sociais, o planeamento deveria reforçar a cooperatividade desses produtos no contexto onde serão integrados. A *mobilização do conflito*<sup>14</sup> e das estruturas sociais acontece quando os limites de arquitectura e do design são manobrados na sua fronteira, quando a escala e a materialidade se transportam para uma dimensão aprofundada de acção e serviço, que, no seu conjunto, se traduzem numa disciplina autónoma. Para este arquitecto, o carácter experimental desta perspectiva projectual é mais absorvente e conseqüente nas comunidades periféricas do que na cidade propriamente dita. Os seus projectos de reabilitação dos *guettos* de Tijuana, situada no México, formalizam a sua constante opção por uma “resolução informal da arquitectura” (Ouroussoff, 2008)<sup>15</sup>. Embora as malhas sociais e, naturalmente, a rede de acções, variem consoante a sua geografia e demografia, a identificação de meios para uma *regeneração cooperativa* permite formar e reforçar o ADN da colectividade, promovendo práticas que reformam a organização formal e informal das comunidades. Da prestação de serviços à educação, as infoestruturas aparecem num processo aberto e de intercâmbio, procurando antecipar o decurso no crescimento de sedimentação do laboratório enquanto produto de referências para as mais diversas metodologias de incorporação. As políticas concretas e flexíveis de Teddy Cruz, recriam uma mediação mais consistente entre a matéria e o lugar, acreditando que disciplinas projectuais, como arquitectura e o design, são das *profissões que poderão ser verdadeiramente inclusivas, contribuindo fortemente no pensamento conceptual das instituições, colaborações e processos*<sup>16</sup>. A implementação e o projecto de infra-estruturas urbanas, que alcançam e promovem o desenvolvimento social e qualidade de vida dos habitantes, rompe com os círculos de marginalidade factualmente instalados. A herança histórica e social do subúrbio, torna-se uma potência subversiva à estrutura urbana, abalando a rede organizativa estabelecida, assim como muitos dos cânones introduzidos por uma linguagem urbanística Moderna.

Associado aos seus projectos de reprogramação urbana, os serviços da ONG *Casa Familiar*<sup>17</sup>, com sede em San Ysidro (San Diego, Califórnia), consideram-se o motor económico do bairro da cidade, ampliando e trabalhando sobre os valores culturais e sociais. Entre o domínio municipal, financeiro, arquitectónico e promocional, este projecto de serviços articula, a um elevado grau de complexidade, contextos económicos, políticos e sociais nas escalas *macro* e *micro* da comunidade. A equilibrada cooperatividade entre todas estas forças, contribuem para a emancipação do *lugar-bairro* através da criação de micro créditos, apoios financeiros, institucionais e projectuais.

13 Cruz, T.(2008), *Cross-Border Suburbias*, Worlds Away: New Suburban Landscapes

14 Cruz, T.(2008). *Arquitectura: Participación, Proceso y Negociación, Verb Crisis*, Barcelona: Boogazine de Arquitectura de Actar ,Vol. Ed. 6

15 Ouroussoff, N. (2008, 19 de Fevereiro), Learning From Tijuana: Hudson, N.Y. Considers Different Housing Model, *The New York Times*, NY

16 Cruz, T.(2008). *Arquitectura: Participación, Proceso y Negociación, Verb Crisis*, Barcelona: Boogazine de Arquitectura de Actar , Vol. Ed. 6 (p. 156)

17 “The mission of Casa Familiar allows the dignity, power, and worth within individuals and families to flourish, by enhancing the quality of life through education, advocacy, service programming, housing and community economic development.” ( acesso em 5 de Setembro de 2010) [www.casafamiliar.org](http://www.casafamiliar.org)

“O papel das obras de arte já não é gerar realidades imaginárias e utópicas, mas encontrar formas de vida e modelos de acção na realidade existente, seja qual for a escala escolhida do artista.”

BOURRIAUD, 1998

A participação na política da habitabilidade e na propriedade cultural da comunidade, ainda que, historicamente reconhecida no sistema Europeu governamental, deverá converter-se num investimento em equipamento públicos e em serviços de trabalho social de *uso misto*, e não apenas com um fim meramente comercial e mercantil. No percurso de investigação de Cruz junto de ONG's e das comunidades, articula-se a vontade projectual, quase activista, de coreografar as relações na densidade urbana, defendendo que o *bairro*, periférico ou centralizado, é o mais poderoso dos capitais sociais, que, quando compreendidas e articula as suas flutuantes dinâmicas, se converte num dos mais eficazes mediadores na alteração de paradigmas e condutas.

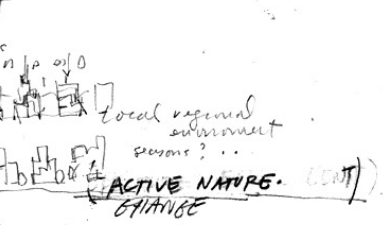
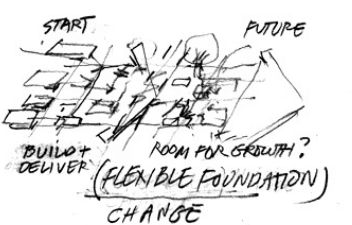
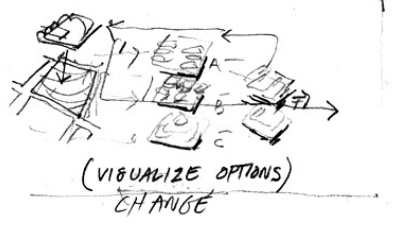
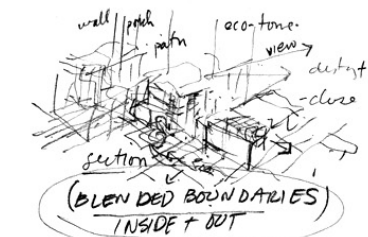
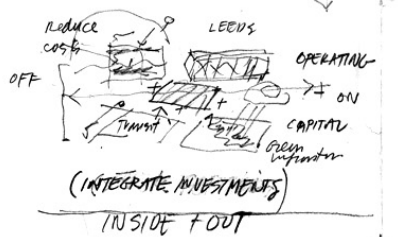
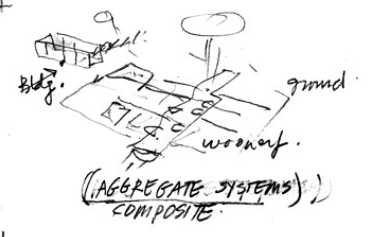
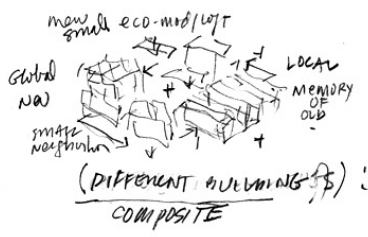
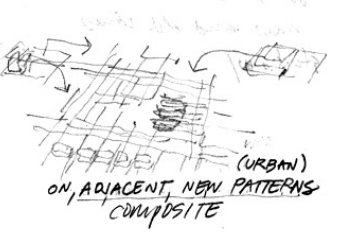
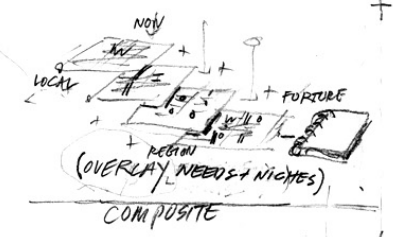
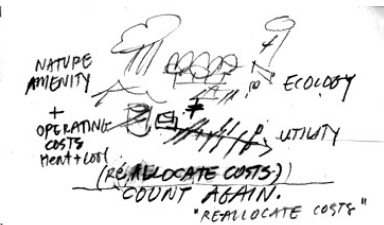
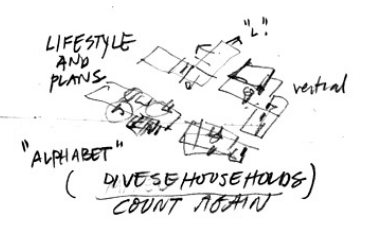
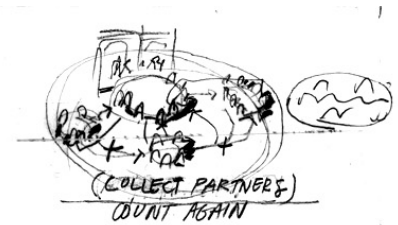
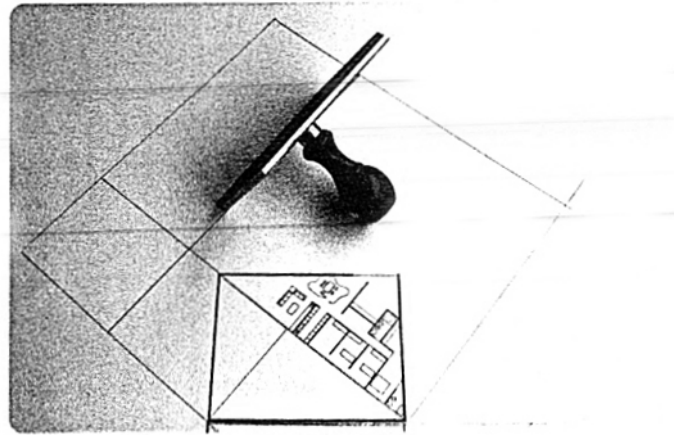
Muitas das problemáticas suburbanas emergem no cerne da cidade, da urbe, em forma dum impensado e imponderado planeamento, onde actuam, sincronicamente, elementos arquitecturais e sociais perturbadores, promovendo a sua implosão para as suas saídas, para as zonas domináveis pelo poder. A visibilidade dos desequilíbrios entre uma habitação frágil e hostil, e o projecto discorrido e sustentável, torna-se cada vez mais intensa nas grandes metrópoles, contrariamente às suas periferias.

Actualmente, *a velha metrópole encontra-se com uma periferia da era pós industrial*<sup>18</sup> que se integra e desintegra dos lugares urbanos. Os pontos de debate entre estas áreas que coabitam a Cidade, aparecem cada vez mais dissolvidos num conjunto de manifestações públicas que anseiam tornar-se esferas independentes. Rem Koolhaas descreve esta *evacuação do domínio público*<sup>19</sup> como forma de absorção de massas para lugares estabelecidos e autónomos, cápsulas isoladas de comunicação que se desmontam sobre um ambiente e tipologias que se anexam uma realidade *virtualizada*. A veracidade desse cenário de dualidades étnicas promove todas as teorias de confrontação que se atravessam nas grandes cidades, sendo modelos que geram novas e oscilantes massas públicas. A proliferação de emergentes atmosferas urbanas é um facto, mas o efeito de “*Bronxification*” e “*Disneyfication*” (Cauter, 2004, p.43) poderá não encontrar uma forma de ajustar a *acção ao erro*, traduzindo-se numa actividade aprisionada à própria cidade. A justaposição entre dinâmicas estruturalmente desagregadoras e manifestações de investimento social, entre a actividade social e o lazer, é visível num sistema de desdramatização ou *sobre-dramatização* da metrópole, onde os veículos periféricos se movimentam cada vez mais sobre as áreas centralizadas. Cauter, citando Manuel Castells, defendeu que as identidades deste lugar contemporâneo, arquitectado no período pós-industrial, se definem como *place to stay* e *place to be*<sup>20</sup>, um papel humano e social submetido a paradoxo que se descobre e se celebra num novo modo de sociabilidade entre a metrópole e periferia.

18 Cauter, L. (2004), *The Capsular Civilization*, cap. The Neo – Teatrical City – On the Old Metropolis and the New Masses, NAI Publishers: Rotterdam

19 Koolhaas, R., Mau, B. (1995), *S,M,L,XL*, New York: Monacelli Press

20 Castells, M. (1996), *The Rise of the Network Society*, London: Blackwell Publishers



CHAPTER 3  
HOLD THE PIEZA.

CHAPTER 4  
FRAMING THE SITE

CHAPTER 5  
MANY ROOMS.

CHAPTER 6  
TWO GREENS.

**Teddy Cruz**

O trabalho de Teddy Cruz cruza-se entre o México, Tijuana e San Diego, Califórnia, desenvolvendo novas práticas e pedagogias sobre territórios fronteiriços.

---

2.2

---

---

# Comunidade Desvirtuada

---

## 2.2.1. A herança projectual moderna e a proposta como projecto

En las ciudades de Europa, la fuerza simbólica y convencional de los centros tradicionales há reducido, en los últimos años, la capacidad de imaginar otros tejidos urbanos. El pensamiento tipologista y la visión que considera el edificio arquitectónico ( su paradoja complementaria) como un objeto, han renunciado a entender la mezcla de infraestructuras y de vacíos, de centros de servicios al lado de pequeñas viviendas, donde las vías que soportan la gran movilidad rodean rincones de de extrema privacidad.

SOLÁ- MORALES, 2008, p. 200

A reforma e inovação da prática do planeamento e do projecto urbano reflectem o desânimo contemporâneo com os planos da Modernidade vigentes. O processo de mapeamento da contemporaneidade requer uma profunda reavaliação e redefinição do factor social, político e projectual, na produção material e cultural, e na sua eficácia perante as urgências da sociedade suburbana marginal.

A identificação ou a procura da identidade, do perfil da comunidade, dos residentes, obriga o projectista a integrar-se numa dimensão mais humanizada do projecto, elevando-a a um nível de inquietações e dificuldades, em relação ao programa espacial e social desintegrado. A interacção entre o projectista e o lugar oferece e imprime soluções projectuais que podem estar para além duma óptica académica e clássica, a comunidade é, assim, o *alimento* e alimenta-se *do projecto*<sup>21</sup>. Actualmente, vivemos numa visível inadaptação entre o projectado e o *não-projectado* e, cada vez mais, assistimos a tentativas de reajustar diferentes realidades, procurando estar mais próximos das colectividades e identificar as suas necessidades. Recriar um espaço urbano que consiga atingir as emergentes metas da contemporaneidade, obriga o projectista da cidade, da habitação, do produto e do serviço, a repensar todos os erros que provocou na tentativa de evitar o “*aspecto vital do informal*, que se manifesta como uma enorme energia de interacção social, apesar da desordem visual e funcional, produto de sucessivas crises económicas, da corrupção governamental e da falta de políticas públicas de canalização de conhecimento” (Jáuregui, 2008,p.53). O fluxo cultural que se desenvolve nas comunidades mais descentralizadas e pobres das grandes cidades brasileiras, conheceu um exponencial crescimento nos anos 70 e 80, devido ao conseqüente aumento do êxodo rural, provocando inesperadas rupturas com a densidade urbana instalada. O recorrente avanço dos migrantes (oriundos essencialmente do Nordeste Brasileiro) em direcção aos limites das cidades, sobre a forma duma construção espontânea que, ao longo dos tempos, deixou

21 Siza, A. (2009), JA - *Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos (234)

22 Derrida, J. citado por Jáuregui, J. (Jáuregui, J., A Cidade em Evolução: Economias Informais, Espaços Efêmeros, *Post-it City – Cidades Ocasionalas*, Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB)

de se tornar ilegal para se tornar um modelo de arquitectura de sobrevivência que prevalecerá sobre as deformadas manchas territoriais. A apropriação do lugar e do espaço acontece, de forma visceral e processual, acompanhada quase sempre pelo próprio crescimento da família. A inexistência de políticas sobre um espaço em alteração e ruptura, acaba por viver num Estado não vigiante nem atento às suas deformações sociais, encerrado em si próprio e apenas com a capacidade de resolver os processos de pobreza como processos de globalização, onde a filosofia de *segregação* assume uma evidente forma sobre a cidade. Numa perspectiva mais alargada, torna-se evidente que o aspecto informal é incapaz de ser desenhado sobre as problemáticas e dinâmicas duma metrópole, que vive desses mesmos processos vitais à continuidade. *Jacques Derrida*<sup>22</sup> defendeu que a informalidade urbana deverá ser constantemente reconhecida como fonte criativa, permitindo a uma introdução nas políticas de projectação da cidade, desenvolvendo ligações e articulações, que poderão potenciar novas redes sociais, reconfigurando uma mancha urbana interactiva. A força institucional duma vida e da economia formal termina com a incapacidade de agregar, nos seus pontos de contacto, as manifestações informais e temporárias que se evidenciam. Na última década, assiste-se a uma tentativa de reposicionar essas acções sobre um mesmo plano, um modelo político institucional e legal que reconheceu nas comunidades periféricas um “saber”, dignificando as condições duma moldura social que vive em torno de uma ocupação em condições precárias e débeis, cercadas pela insegurança e falta de protecção judicial.

Algumas das tentativas de requalificação dos lugares *favelizados*, especialmente na cidade do Rio de Janeiro (Brasil), são excelentes exemplos da impotência da arquitectura como produto real final, como uma caixa encerrada em si numa cidade caótica, auto-construída, que se molda, espontaneamente, num terreno social instável e indefinido. Quando repensamos o espaço suburbano como lugar que se tenta libertar dos problemas que lhes estão associados, muitas vezes, as soluções encontradas reforçam muitos dos tiques projectuais instituídos historicamente, funcionando sempre como uma resolução descontextualizada, pouco precisa e profunda, nas dinâmicas sociais, onde assistimos à força de um culto de projecto, contrariamente à de um culto da civilização. A *Cultura* e o *Homem* parecem desaparecer por entre projectos que não se moldam a características muito específicas do território, tornando-se construções obsoletas que se perdem num tempo e num espaço social. Torna-se cada vez mais importante recorrer a uma análise que perfure o contexto duma forma sólida e densa, que se experiencie e desenvolva um novo incentivo de cultura e que não se torne apenas uma tentativa de anulação, não de um problema, mas de uma civilização.

“As artes visuais e performativas demonstram bem que intervenções efémeras como cenografias, instalações, performances ou a simples presença dos corpos podem atribuir significados variados a uma coisa tão materialmente estável como o espaço arquitectónico.”

CAPELA, 2007, p. 7

Naturalmente, as migrações para o espaço urbano, que acarretam consigo problemas urbanísticos e novos serviços sociais, passam a ocupar a cidade de formas pouco usuais, colocando em crise a ocupação tradicional do território. Muitos das experiências físicas, que aterram num campo incógnito para uma arquitectura moderna, revelam-se ineficazes no seu contexto, na sua ligação social. A criação de renovadas articulações, sobre um solo descentrado e complexo recria novas dimensões numa experiência comunicável com o abundante património cultural instituído. A procura de uma tradução projectual como elo de ligação uma *realidade orgânica*<sup>23</sup> depende, igualmente, do tipo de ensaio e serviço que pretendemos recomeçar sobre um mesmo contexto.

23 Benjamin, W. (1987). *Experiência e Pobreza, Obras escolhidas: Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense

### 2.2.2. As novas tipologias de proposta

*Favela Painting*<sup>24</sup>, projecto organizado pela dupla artística Haas and Hahn assegura o carácter social entre a arquitectura e comunicação. Esta visão projectual não procura na arquitectura final a solução, mas na arte, uma *roupagem*<sup>25</sup> dum património já existente, onde os adolescentes da comunidade são convidados a cooperar, activa e orgulhosamente, no processo de requalificação. Os resultados artísticos finais conferem uma certa homogeneidade às fachadas acidentadas, aproximando-se, pela sua escala e impacto cromático, a fragmentos duma *modesta proposta*<sup>26</sup> arquitectónica que procura estimar o local e os seus residentes. Esta ocupação artística sobre um terreno arquitectonicamente concentrado, realça a ideia de apropriação do espaço de forma enriquecedora e criativa, que dignifica a precariedade naturalmente associada à favela, ao suburbano, na tentativa de retribuir o valor informal da sua composição material, destacando-a do centro, do núcleo da cidade.

24 Favela Painting foi um trabalho concebido pela dupla Urhahn, D. & Jeroen Koolhaas em 2008 [acesso em 28 de Agosto de 2010] [www.boomerang.nl/favela](http://www.boomerang.nl/favela)

25 Harvey, D. (1990), *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*, Cambridge, MA: Blackwell

26 Esche, C. (2005), *Modest Proposals- Collected Essays*, Istanbul: Baglam Press

*“It’s important to care for the resolution level when scanning, drawings, as this will enable us to continuously get information on the project.”*

FISURAS, 2009

Todo o processo de pintura que se vai apropriando das 700 favelas onde vive uma esmagadora parte da população do Rio de Janeiro, acolhe uma grande massa de jovens no combate à exclusão, permitindo sublimar não só o espaço favela, mas também a cultura que aí coabita. A transposição do trabalho do projecto para os habitantes da comunidade, reflecte-se, numa nova noção de poder de mudança territorial (não-municipal), e transfere as suas características culturais para os desenhos que são desenvolvidos nas paredes e superfícies urbanas. O projecto *Favela Painting* transforma-se, pela sua mobilização social, num rápido dispositivo de metamorfose social, que, pela sua escala e expansão, alargou os seus pontos de contacto, tendo sido registado e exposto, todo o seu processo de trabalho noutros pontos do globo.

Dentro da complexidade e escala do projecto da Arquitectura, Charles Esche, acolheu o conceito de *proposta modesta* para o trabalho do colectivo *Haas and Hahn* como um propósito, muito mais aproximado da experiência do que de uma materialidade. O processo de desenvolvimento da proposta para revitalizar um novo imaginário urbano nas favelas do Rio de Janeiro, permite um renovado olhar sobre o espaço público livre, onde as expressões de arte, a um nível mais íntimo e aproximado da comunidade, poderão funcionar como condutas desviantes de mudança social. A capacidade de mobilização dos habitantes no processo do trabalho artístico, repete-se nas comunidades circunscritas, dando, mais tarde, voz a muitas outras manifestações de arte noutras favelas. O poder do projecto, sob forma de acção social, representa uma nova materialidade nas prevenções urbanísticas localizadas. A *re-activação* e a proposta de novas dinâmicas sociais terão de estar sempre associadas a uma coerente estrutura que suporta o projecto, um processo de valores que permite uma abertura para a sociedade e para as suas irregularidades.

A produção duma intervenção para a contemporaneidade, sob forma de revolução a níveis sociais e urbanos, deverá ser formalizada em pequenas premissas que permitam contaminar e harmonizar-se por entre uma rede que dê um sentido ao projecto. Uma proposta modesta, não se associa a uma força revolucionária em grande escala, agindo antes sobre uma superfície urbana que já está instalada e experienciada. Não se inicia sobre uma tela em branco, mas de uma apropriação inteligente sobre a plasticidade social. Torna-se numa tentativa de reescrever ou realçar, em exíguas manifestações, uma composição da comunidade, não procurando ser encerrada no seu autor, mas sim, oferecer continuidade e heterogeneidade numa confronto entre uma herança marginal e um futuro inovado. A ideologia despretenhiosa associada a esta proposta cria, de uma forma subtil e inédita, conexões e diálogos entre as pessoas e os espaços, entre a comunidade e a política, entre a herança duma arquitectura sub-urbana e uma nova dimensão de ser e fazer arquitectura. O optimismo de Escher sobre uma antevisão da urbanidade que desperta para as suas potências mais informais, afasta-se de uma política instrumentalizada que não permite que o imaginário, democrático e livre, se amplie sobre diversos moldes e efeitos.

Modest proposals generally make use of existing objects, conditions and situations and manipulate the elements into different, more aspirational or purposeful configurations. This concern for concrete necessity is the quality that defines the limits of the term 'modesty' in the expression, rather than the scale of the issue involved or the absence of grand ambition for change. In doing so, these modest proposals exploit the possibilities of free, transformative and singular imaginations that art has reserved for itself since the late eighteenth century

ESCHER, 2005

O sistema político que oprime e procura incessantemente restringir e apertar os seus círculos sociais, para que o seu controlo e segurança sejam mais eficazes, esqueceu-se, paralelamente, de todos os estilhaços sociais que advêm desse constrangimento de acções e expressões que se subordinam. A grande escala das conquistas e das revoluções que procuram ser globais, abarcam um sentimento de falha e insucesso, quando não se sentem capazes de reeducar culturalmente a civilização, quando a lei da opressão reserva acções através da força e do conflito. A eficácia deste confronto sobre uma sociedade atravessa, unilateralmente, uma geração, ainda se distancia muito de uma busca que opera junto das pessoas, das suas necessidades e desejos. A proposta modesta de Escher é actual e concreta, pretendendo ser um manifesto humilde de liberdade, imaginação e transformação.



Favela Painting, Haas&Hahn, 2010  
Comunidade de Santa Marta







**Favela Painting, Haas&Hahn, 2010**

A dupla Haas&Hahn, Jeroen Koolhaas, designer e ilustrador da New Yorker Magazine, e Dre Urhahn, jornalista e director de arte, depois de terem realizado um documentário para a MTV sobre o hip hop nas favelas de São Paulo e do Rio, encontram, na sua investigação, novas formas que reactivar e enquadrar este sistema cultural através da pintura em grande escala.

2.3



---

# A cidade entre projecto acabado e o projecto inacabado

---

## 2.3.1. A cidade é o mapa e o ponto de partido o habitante

A colaboração das diferentes Artes, da Arquitectura e do Design sobre o modo como se pretende criar e experimentar o mundo como laboratório infinito e difuso, gera uma sociedade que se dissipa por entre fenómenos, culturas e minorias, e que se encontra em proposta de diálogo, de comunicação e partilha. A modéstia duma proposta insere-se e articula-se como o contexto, introduzido por Gionanni la Varra, de *quarta dimensão da cidade*<sup>27</sup>, um plano invisível da urbe onde se multiplicam os níveis da experiência física e relacional através de instrumentos e processos. A proposta como projecto incorpóreo, que procura na orgânica do laboratório social, encontrar um novo significado, um novo rumo na postura do projectista, decompondo uma abertura projectual e colaborativa que permita formar e deformar a proposta e o projecto, de acordo com as vicissitudes urbanas. Perante este quadro contemporâneo, poderemos afirmar a eventual abertura do projecto e da acção sob a civilização, ampliando as vozes dos artistas e dos não artistas.

Nas últimas décadas, assistimos a variados efeitos sobre os espaços públicos europeus, outros lugares que se (re)apropriam e geram novas *regras e leis definidas pelos seus utilizadores*<sup>28</sup>, uma emancipação dos volumes culturais da cidade, sob a forma de premissas materiais que re-activam e colocam em perspectiva, questionando o ponto de vista da cidade como plataforma estática e conservadora. A *condição existencial contemporânea* administra situações que terão de ser deparadas como processos, como decursos que se experimentam colectivamente e que permitem uma partilha de conhecimento e acção sobre um tempo, o tempo do processo. Na Europa, ao contrário da América do Sul, os efeitos que surgem projectados sobre uma nova rede, são mais visíveis sobre uma cidade que assimila a mudança e transformação duma forma menos instrumentalizada e legal. O trabalho de alguns colectivos de arquitectos, designers e artistas adquirem uma filosofia no processo projectual que investiga diferentes saídas sobre as problemáticas instaladas, *fornecendo meios para a confrontação e partilha*<sup>29</sup>, assumindo, paralelamente, o papel de projectistas, mediadores, utilizadores e não-utilizadores. As formas e mutação do contexto social, económico e urbanístico molda as faces da proposta/projecto, como forma de adquirir uma mensagem fiel entre uma civilização e uma metrópole.

27 Varra, G. (2010, Janeiro/Fevereiro), *Perspectivas Críticas, ARQA - Arquitectura e Artes Contemporâneas*, Lisboa: Futurmagazine

28 Projecto Bureau des Mésarquitectures Bureau des Mésarquitectures (2010, Janeiro/Fevereiro), *Perspectivas Críticas, ARQA - Arquitectura e Artes Contemporâneas*, Lisboa: Futurmagazine

29 Steiner, A. & Debray L., (2010), *Illegality as the only liberating territory inside metropolises, Raf Guérrilla urbaine en Europe occidentale*. Paris: L'Échappée (citado em Bureau des Mésarquitectures, *Perspectivas Críticas, ARQA - Arquitectura e Artes Contemporâneas*, Lisboa: Futurmagazine)

“(…) Artists have become organizers, investigators, activists, creators of the new relations; relations that connect art to the public in a non-art way. The interventions and the relations with the public are often created in public spaces and through photocopies, posters, instructions ( to be executed by others) , billboards, performances and ephemeral works, or by mimicking commercial strategies. As a result, many works, lose their authorship. The works become impersonal, and using legible and effective images and narrowing the distance between art and real, art can communicate more directly to a multifaceted audience.”

PERAN,2001 p.4

30 Bureau des Mésarchitectures (2009),  
Perspectivas Críticas, ARQA - *Arquitectura e*  
*Artes Contemporâneas*, Lisboa: Futurmagazine

O atelier parisiense Bureau des Mésarchitectures, constituído por arquitectos, artistas e webdesigners promove uma *arquitectura em forma de arte e uma arte em forma de arquitectura*, impulsionando a reconfiguração da cidade através de *plataformas de intersecção entre o corpo individual e um corpo colectivo*<sup>30</sup>, subvertendo os paradigmas urbanos implantados, criando dispositivos processuais que se tornem, simultaneamente, dicotómicos, permitindo desobstruir as fronteiras, não apenas arquitectónicas, mas, essencialmente, políticas e éticas. Esta atitude projectual/processual expressa uma decorrente indispensabilidade dos profissionais se descentrarem da sua moldura profissionalizante, acabando por ambicionar e adiantar uma divergente investigação sobre os preceitos do seu ofício e da sua actividade sobre um território em mudança.

Intitulado *Double Happiness*, iniciado em 2009 por Didier Fiuza Faustino, enquadrado na Bienal de Shenzhen & Hong Kong sobre Urbanismo/Arquitectura, descreve a experiência da cidade através de um jogo. Na cultura chinesa, Double Happiness simboliza simetria dos sentimentos, do dobro da felicidade, que está, tradicionalmente, associada à cerimónia de casamento, onde os noivos partilham as duas partes da mesma fortuna. O baloiço que avista a imensidão da linha urbana da cidade, procura expressar e observar os desejos mais individuais dos seus utilizadores, onde são capazes de avistar a cidade na mais elevada perspectiva, exaltando uma sensação de poder e apropriação da totalidade da mancha urbana. Assentando numa estrutura elevada, esta instalação pública de diversão, reenquadra e reposiciona os elementos pré-existent no quotidiano urbano, reconhecendo-lhe um novo simbolismo e uma outra experiência suspensa num novo *playground*, onde somos embalados pelos nossos caprichos e onde nos podemos arriscar livremente sobre um domínio público e privado, equilibrando-nos e desequilibrando-nos sobre a nossa fragilidade. A divertida experiência torna-se, paralelamente, individual e colectiva, num vaivém de dois lugares, onde revemos a metrópole em pequenos e grandes fragmentos. Num ou noutro espaço, este módulo urbano procura na cidade um novo enquadramento também para quem a projecta, fazer entender que a busca suspensa por uma solução de metrópole não ocorre apenas por uma quimera aérea, mas pela uma visão planificada e imaginária da cidade, correndo o risco de nos desequilibrarmos sobre esse estático processo, por uma postura fixa e opaca, que o planeamento imposto e a escala da crescente materialidade são inércias políticas se separam, drasticamente, do processo do projecto.



**Double Happiness, Mesarchitecture, 2009**

Shenzen and Hong-Kong bi-city biennial of Urbanism/Architecture.

De 6 de Dezembro de 2009 até 23 de Janeiro de 2010

### 2.3.2. A Cidade-Texto e a Cidade-Post-it

O projecto arquitectónico estreia em quem o habita, e não apenas nos padrões e ideologias leccionadas numa academia, que restringe a experimentalidade e transversalidade, de culturas e manifestos, que enriquecem o valor do espaço como cidadão. Tomando como exemplo a construção ilegal que se circunscreve às cidades brasileiras, podemos identificar uma força de viver que, para além de desenhar condições de habitabilidade, recorre a invenções técnicas e de construção, *fazendo do espaço antropológico um espaço dominante*<sup>31</sup>, que se liberta de condescendentes esquemas construtivos do espaço geométrico e da arquitectura ocidental.

31 Deganello, P. (2005), *Do habitar*, Matosinhos: Edições ESAD

32 Prado Coelho, A. (2009), *JA - Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos ( Vol. 234)

33 Direção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB (2008), *Post-it City – Cidades Ocasiones*, Barcelona

Muitos projectistas vêem nestas cidades *espaços em aberto ou espaços de prisão*<sup>32</sup>, proporcionadores, de um modo ou de outro, ao diálogo e a uma urbanidade que dá valor à cultura espontânea. Aqui surge uma modalidade diferente do habitar, na qual o novo desafio à arquitectura, passa por uma nova estratégia do projecto colectivo em união com as experiências de vida, afastando-se de uma ideia teórica de urbanidade. Estes antagónicos e mutantes lugares acontecem na cidade numa distribuição informal e anti-clássica sobre si mesma, não sendo mais do que premissas dum *expressão de vida*, de uma existência. O projecto literário intitulado *Post-it City – Cidades Ocasiones*<sup>33</sup>, é um testemunho amplo e actualizado da cidade como conjunto de dispositivos móveis. A visão dinâmica e interactiva da cidade sobrepõe e justapõe-se a uma ideia estática e premeditada de urbanismo e urbanidade. Através desta publicação a cidade é testemunhada por diversos autores e actuais perspectivas. Giovanni La Varra (2008) introduziu a noção de *Post-it City* como “ um dispositivo de funcionamento da cidade contemporânea referente às dinâmicas da vida colectiva fora dos canais convencionais” (p.47) que, se for reconhecido em diferentes contextos, poderá anunciar necessidades e urgências com uma forte dimensão na estrutura social e arquitectónica implementada. A título de exemplo, a apropriação temporária do espaço público dos vendedores de rua para actividades comerciais, sugere a existência de movimentações de espaço e mutações de contexto que potenciam a promoção da informalidade na cidade como estratégia de desbloqueamento de algumas dinâmicas indissociáveis da vivência urbana. A sobreposição e justaposição dos espaços informais são fenómenos fortemente visíveis sobre locais onde o crescimento económico ainda é deficiente, caso de alguns países subdesenvolvidos, onde a necessidade moderna, de uma procura de ordem e segurança sobre o sistema social e financeiro, forma uma pequena parte das actividades e ciclos alternativos, secundários e informais, do panorama geral da nação.

Apesar da *discutível legitimidade do fascínio pelo informal*<sup>34</sup>, alguns países da América do Sul revelam e multiplicam os “fenómenos de sobrevivência” sobre a paisagem urbana, procurando renovadas formas de política orgânica e sistematizada. Neste contexto, as antagónicas forças geram, integram e comungam de uma mesma força, a força da continuidade entre uma conduta esperada e uma conduta instintiva, onde a ordem pública é traçada arduamente sobre quem contorna o sistema político legal e cria comportamentos desviantes sobre a actividade e plano formal restringido. O exercício de disciplina sobre um espaço de vivência e sobrevivência detecta, em si mesmo, um espaço de anti-projecto, na identificação do Post-it City como um projecto de mestria e de aceitação de mundos que se contrariam, se impõem, se forçam, se impelem. O código de disciplina, segurança, organização e, conseqüente controlo sobre as acções, segundo as quais os países mais desenvolvidos se encaixam e se transformam, num moderno e repressivo ritual sobre uma rede que se alimenta de diferentes dispositivos culturais não-defensivos.

34 Peran, M., Cidades Ocasionalis (2008), *Post-it City – Cidades Ocasionalis*, Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB (p.43)



Post-it City, Cidades Ocasionalis,  
2008, Barcelona

21



---

# O instrumento anti-político como instrumento de projecto

---

## 2.4.1. O programa informal e o programa de acção

Nas cidades contemporâneas europeias assistimos a um fenómeno de exclusão periférica entre cenários distintos, quando as condutas desviantes e de crise se incompatibilizam com o sistema implantado e se apropriam da cidades como forma de acusação duma matriz política de vida. As comunidades, que representam os fenómenos viscerais duma subcultura ou contracultura, conduzem a sua identidade, como uma inconstância da metrópole, que opera num espaço mais localizado. No caso dos países com problemáticas de exclusão mais denunciáveis e perceptíveis, o domínio entre as condutas e diferentes vivências, pela sua extensão e ampliação, torna-se mais deficiente e debita o *desejo de uma existência controlada*<sup>35</sup>. Nas grandes cidades da América do Sul, como o Rio de Janeiro, as suas variações económicas e sociais estão mais presentes sobre os seus centros urbanos, tornando mais difícil fazer prevalecer um modelo político que desacompanha a cidade de hoje, um espaço excluído que já não tem lugar à sua margem. Em ambos os casos, permanecem, actualmente, duas distintas estratégias de apropriação do espaço público, desencadeadas por forças de divergência ou de sobrevivência, declarando e descrevendo problemáticas distintas no cenário urbano. Em torno de todas as práticas que se expõe neste cenário, o termo *post-it* acentua o sentido de dispositivo móvel e dinâmico que, simultaneamente, se inclui e exclui num mesmo espaço, num mesmo tempo, ampliando a noção da individualidade e subjectividade – a energia do factor humano e como este se integra e se desintegra em todas as práticas artificialmente impostas. De uma forma ou de outra, o envolvimento natural, espontâneo e imprevisto sobre a metrópole, forma sinergias intensas e profundamente poderosas que deverão ser importadas quando se remota ao pensar o projecto. A integração e reconhecimento desses motores sociais é um positivo exercício sobre a prática projectual, sobre a tentativa de revogar a fria fórmula de um consenso na comunidade e, assim, focar no horizonte o conceito de *anti-localização*<sup>36</sup> como um mecanismo social inerente ao Projecto Cidade. A variável da conduta desviante ou cultural, não poderá ser reconhecida apenas como um factor de exotismo num processo, mas como uma forma de identificar as grandes e pequenas problemáticas e tensões que com ela se desencadeiam, e rever as metodologias mais adequadas para as desbloquear. A sua visibilidade e interpretação sobre um esquema de pensamento permitem reconhecer os campos de intervenção, tal como os seus limites e barreiras, que a ordem da Modernidade tentava controlar e organizar, acabando

35 Peran, M., Cidades Ocasionalis (2008), *Post-it City – Cidades Ocasionalis*, Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB (p.44)

36 Foucault, M., Espaços Outros, *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 39, Espaços, org. José Bragança de Miranda (Original de 1984)

37 Kerckhove ,D. (1995), A Pele da Cultura  
- Uma investigação sobre a nova realidade  
electrónica, publicação original 1995,  
Somerville House Books Limited, Toronto,  
Canadá , 1997, Lisboa, edição Relógio d'Água

por deformar um sistema social numa equação fortemente institucionalizada e encerrada em si mesmo. A libertação dos processos criativos e urbanos na lógica Moderna acolhe, conjuntamente, uma fresca análise sobre a diversidade, não como espaço subordinado, mas como solução flexível e extensível a todas as escalas, planos e práticas culturais, onde a desintegração comportamental não simboliza exclusão, mas absorção na renovada visão contemporânea. “ O mundo exterior vai tornar-se numa extensão da consciência, tal como costumava acontecer com as culturas primitivas. Isto ditará, o não fim, mas o afastamento do *Homo theoreticus* do centro da acção, substituído pelo *Homo participans*” (Kerckhove , 1995, p.85-86) <sup>37</sup>. Reenquadrar a cidade dentro da cidade, potencia a capacidade de rever no projecto uma mutável rede sem projecto, um “último espaço público”(Foucault, 1984, p. 244), desabrigado e moldável, que se corrompe com uma mecânica institucional e enriquece com novas dimensões sociais e humanas numa forma interpolada e arrojada. A (re)escrita sobre o espaço acontece agora sob a extensão do *post-it* que deambula pela cidade e “sublinha, esconde, realça o texto original , que faz adaptações rápidas e ligeiras” (Giovanni, 2008, p.46), que acentua a intensa capacidade material do individuo face à materialidade arquitectónica existente. A adaptação de formas que desvirtuam a ideia do trabalho estático da urbanidade, focam-se na narrativa da comunidade, na denominada “criatividade estrangeira”, ligada à experimentação e descodificação de uma linguagem desenvolvida por enredos sociais abertos ou fechados, densos ou débeis. Toda esta massa social em tensão, provoca reacções que formam, mais do que uma arquitectura da arquitectura, um projecto magnífico que se reconhece e que se oculta, e que é, simultaneamente, temporário e permanente, uma arquitectura subversiva capaz de reverter a noção clássica de tempo e de espaço. As intervenções sobre o espaço público, sobre a forma de arte, de design ou arquitectura, cada vez mais se (des)localizam dum centro de acção, transformam-se gradualmente em soluções instáveis, através de um processo de adaptação antropológica que se apoia numa estratégia anexada a um cenário firmado.

## 2.4.2. Entre a participação e o activismo

O artista plástico e fotógrafo auto-denominado JR, expõe e sobrepõe a sua obra à sua galeria, ao mundo. A sua descoberta como artista é acompanhada por uma intensa procura de mensagem, através da plasticidade dos espaços residuais urbanos. A sua obra acontece nos recortes sociais mais cravados na herança da urbanidade, nos espaços *itinerantes não autorizados*<sup>38</sup>, nos limites da arquitectura onde, o legal e o ilegal se confundem, imprimindo ideias e realçando lugares. O seu trabalho “Face2Face” aplicou, em tom anárquico e controverso, fotografias em grande escala de palestinianos e de israelitas, frente a frente, em algumas cidades na Palestina e em Israel, e foi considerado como a *maior e mais ilegal exposição fotográfica de todos os tempos*. O seu polémico trabalho sob as tensões políticas vividas no conflito Israel-Palestina, evidenciam a força de uma forma de arquitectura bidimensional que ultrapassa, mais uma meta entre o legal e o ilegal, contribuindo para uma transferência do espaço público para o espaço publicado, onde o contexto é subjugado pela composição da mensagem, pela força de um novo *layer* ao serviço do lugar social, onde as *experiências formais* são substituídas por *experiências informais*<sup>39</sup>, criando lugares ficcionais que questionam os limites do projecto, das imagens dentro das próprias imagens. A aparente robustez das suas fotografias aproxima o informal e o efémero, numa espécie de propaganda cívica na problemática mancha socio-espacial.

A gestão do espaço colectivo acolhe todas as formas inesperadas de cultura, novas matérias que se agregam à actividade social, tanto como um complemento, como um fantasma que paira sobre a cidade como personagem vital da contemporaneidade. O trabalho de JR, denominado *28mm - Portrait of a Generation*<sup>40</sup> conduz a extensão do lugar público para um *espaço impuro*, confrontando a realidade visual com uma realidade material, desbloqueando a *separação biopolítica*<sup>41</sup>. Iniciado entre 2004 e 2005, nas paredes do bairro social em Montfermeil's, em França, e, mais tarde, percorrendo cidades de Los Angeles a Berlim, estas intervenções fotografadas em 28 mm, recolhem 28 retratos de jovens habitantes deste local e de The Forestière. Todos estes modelos fotográficos sobre os *clichés* do *guetto* são transportados e imprimidos, numa primeira fase, nas ruas de Paris, formando uma espécie de território alternativo sobre uma cidade permanente. A formação duma zona temporária ilegal em que a imagem, em grande formato, se torna arquitectónica e sobre a qual, paralelamente, conta e cruza uma história. Mais do que um projecto fotográfico, este engenho activista aproxima-se de muitos outros efeitos artísticos que se estilhaçam sobre uma cidade europeia que, nos anos 90, começa a tomar consciência de que “os vazios urbanos não eram lugares mortos ou simplesmente, abandonados, mas áreas que poderiam acolher modos de vida emergentes” (Petti, 2008), funcionando como pontos e práticas de contacto que se desagregam duma obsessão

38 Kronenburg, R. (2008), *Post-it City – Cidades Ocasiones*, Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB

39 Portas, N. (2008), *Arquitectura para hoje*, 2ª edição, Lisboa: Livros Horizonte (edição original 1964)

40 *Projecto 28mm - Portrait of a Generation* (Acesso a 7 de Julho de 2010) [www.28millimetres.com](http://www.28millimetres.com)

41 Petti, A., (2008), *Post-it City – Cidades Ocasiones*, Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB

política sobre o controlo social. As faces vigilantes sobrepostas à cidade procuram assombrar, entre ruas escondidas e janelas encerradas em cimento, os habitantes mais centralizados. Aqui a realidade periférica e as problemáticas descentralizadas, revelam-se e penetram sobre as paredes, criando insónia e um sentimento de culpa sobre uma responsabilidade política global que quase que se ausenta.

O constante aparecimento do espaço de manifestação reforça a ideia de Agamben, que defendia que, o lugar de excepção, quando é permanente, torna-se num *espaço em suspensão*, que não acontece nem no interior nem no exterior da cidade, mas num contexto de *crise*, onde o conflito entre o *território, a população e Estado* é decifrado por um espírito de ordem social que afugenta o forasteiro<sup>42</sup>. Estas organizações sociais nascem e associam-se, imperceptivelmente, onde e quando existe um desequilíbrio entre um domínio e uma resistência, num clima em que a necessidade emergente, de auto-protecção e controlo sobre o exterior, os situam numa “*zona definitivamente temporária*” (Rahola, 2003, p. 19).

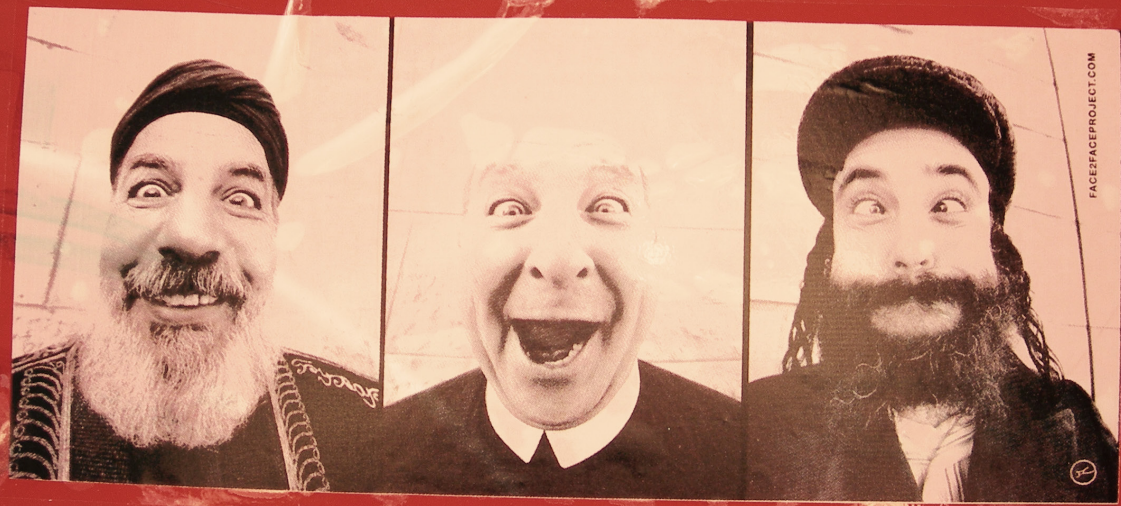
A permanência constante dessas zonas de liberdade e de controlo, revistas num só plano, aparecem-nos de uma forma muito unificadora sobre uma mesma estrutura urbana. O trabalho do anónimo artista JR realça um modelo explícito e implícito desse mundo singular, que detém o poder de decisão, seja de forma quase legítima ou quase ilícita, na intenção de moldar uma visão de resistência e reacção, invadindo a cidade por um lugar de liberdade e de direito.

42 Agamben, G (2000)., *Homo Sacer*, Valência: Pré-textos





Face2Face, JR  
2007, Palestina e Israel



FACE2FACEPROJECT.COM

2





---

# MAPEAMENTO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

---

NOVAS ABORDAGENS DE EXPERIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO PROJECTO SUBURBANO

31

---

# Experiência da cidade experimentada

---

## 3.1.1. O espaço da experiência

A arquitectura, o movimento e a continuidade acontecem numa forma cada vez mais fundida e interligada, onde o espaço existe através dum ensaio, onde o “mundo se experimenta” (Foucault, 1984, p. 423) num tempo e numa história, onde se torna complexo identificar a questão do espaço, dos espaços. Foucault procura distinguir dois espaços distintos: um espaço de fora e um espaço de dentro. No primeiro caso, o autor destaca os lugares arquitectados, circunscritos e discordantes, privado e público, familiar e social, cultural e útil. Todos aqueles lugares, que se aproximam de uma definição pré-existente de lugar, num conjunto de relações praticadas e projectadas num mesmo espaço geográfico. Num segundo caso, os “espaços de dentro” (Foucault, 1984, p. 245) correspondem ao campo da vivência, do movimento e da existência dos seus povoadores, afastando-se da ideia terrestre e física do espaço, transformando-se num subjectivo registo fluído de fenómenos onde se desenrola precisamente a *erosão da nossa vida, do nosso tempo e da nossa história*<sup>43</sup>.

A tentativa de procurar identificar os diferentes espaços sobrepostos a outros espaços é fundamental, para que se permita escrever sobre todos os epílogos da contemporaneidade, tanto no Design como na Arquitectura. O termo colocação, substitui-se ao termo extensão e, anteriormente, à localização. As colocações aparecem-nos assim como que “irredutíveis umas às outras e de não sobreposição absoluta” (Foucault, 1984), funcionando como transfigurações dum manifesto lugar estático para um incorporado e psicológico campo não – restringido e momentâneo. Forma-se, assim, um lugar, interior e humano, que se enquadra e, se opõe, aos lugares efectivos e reais. Nesta abordagem, destacam-se as *heterotopias*, em oposição às *utopias*, que se identificam como “colocações sem lugar real” (Foucault, 1984). O reconhecimento das heterotopias como “colocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura” é um ponto essencial na identificação e reconstituição dos fenómenos informais dentro, do panorama urbano e social. Os *lugares outros* funcionam como um espelho que localiza fisicamente o indivíduo num espaço virtual, uma espécie de retorno do indivíduo para si mesmo, na tentativa de se situar e circunscrever num espaço. Foucault identifica, numa primeira fase da história, as *heterotopias de crise* como lugares declaradamente localizáveis, onde a pessoa existe sob um estado de crise, um espaço articulado a um momento, a uma passagem, uma experiência. Estas heterotopias são rapidamente substituídas, quando nos aproximamos da contemporaneidade, por novas vagas de

43 Foucault, M., *Espaços Outros*, *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 39, *Espaços*, org. José Bragança de Miranda (Original de 1984)

44 Foucault, M., *Espaços Outros*, *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 39, *Espaços*, org. José Bragança de Miranda (Original de 1984)

heterotopias, as *heterotopias de desvio*<sup>44</sup>. Estas *contra-colocações* sobre a orgânica da sociedade correspondem aos indivíduos que se excluem das vivências institucionalizadas pela urbe. O comportamento desviante, assume-se assim, como lugar preciso, como estádio físico duma experiência ausente na conduta regularizada do interior da cidade. A heterotopia de desvio recria e justapõe variadas disposições num mesmo espaço. Reconhecemos lugares na cidade que exemplificam de, forma coesa, todo o remoinho de justaposições, sobreposições e superposições visíveis, invisíveis, formais e informais. A perspectiva invertida da cidade, dos espaços e dos não-espaços aproximam-se do trabalho fotográfico do alemão Marcus Buck. A sua obra fotográfica, particularmente em *Restarchitektur (O resto da Arquitectura)*, personifica a arquitectura como processo contínuo e histórico conectado com o espaço e com o tempo, com o *lugar*. A criação, a demolição e a requalificação da cidade são eterna e paralelamente registadas pela arquitectura, que esboça, desenha e redesenha a narrativa da comunidade, da ocupação ao abandono. Baseado nesse princípio de incompatibilidade entre as diferentes colocações num mesmo espaço, Foucault reforça a ideia de que as heterotopias estão ligadas a “recortes no tempo”, num momento, ou na eternidade. A partir do século XIX assiste-se, contrariamente aos fenómenos dos arquivos do tempo (como o caso das bibliotecas e dos museus), a acumulação da história num processo eterno, transforma-se assim numa *heterotopia crónica*, (in)formal e (in)constante. No trabalho pessoal de Buck é manifesta a (re)reconstrução efectiva que se inclui e se exclui num mesmo espaço, num mesmo tempo. Na sua captação fotográfica revisamos um esboço de arquitectura e, tacitamente, as criaturas que a transitam e vagam esse mesmo lugar. São eles os actores que se traduzem nos *restos* de narrativa da comunidade, assumindo o papel do *hóspede de passagem* (Foucault, 1984). As suas colocações movem-se mais como recônditos parasitas num mesmo lugar, nunca se apropriando na totalidade, nem intervindo visceralmente na sua mundana dinâmica, abandonando apenas sinais de vivência e sobrevivência cíclica, onde os comportamentos sobre o território geram discussão, e identificam algumas das questões sobre a cidade contemporânea. Os registos fotográficos de *Restarchitektur* assemelham-se aos lugares sem lugar, transformando-se numa ligação que desaparece como lugar no meio urbano. O fascínio pela desordem, iniciado, nas ciências sociais, na Escola de Chicago e por Michel Certau, é absorvido neste trabalho duma forma reconfortante e, quase, cronológica, funcionando a parede como arquivo arquitectónico dum tempo. No caso específico desta abordagem, a desordem visual está articulada com uma ideia de *transição* e de uma *utopia urbana falhada*<sup>45</sup>, que, para além de ser intensivamente complexa de interpretar, cria uma decifração sólida sobre as feições que adquire, convertendo-se numa noção falhada de cidadão. As análises antropológicas e sociológicas desdobram diversas teorias, que abandonam por completo, a estabilidade do processo e o crescimento da civilização. A importância da integração de processos activos entre a lógica do projecto e os seus utilizadores, aproxima-se duma noção mais complexa e adequada, do que se caracteriza como evolução e progresso sobre uma plataforma projectual, com uma memória doutrinada. O desafio de uma

45 Tan, P., (2008), *Post-it City – Cidades Ocasionalmente*, Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputació de Barcelona e o CCCB

realidade que questiona a própria realidade, adquire uma espécie de *fabulação* do espaço público de modo a promover novas tipologias de pensamento em torno de uma *arqueologia fotográfica experimental de cut and paste*<sup>46</sup>.

A representação do espaço impuro e do espaço político através da fotografia, resolve a complexidade estrutural urbana entre sedimentos formais e informais. O contacto visual com a textura urbana congela e bloqueia na imagem, um espaço de experiência claustrofóbico, onde as novas leituras da cidade procuram adaptar-se ao cenário contemporâneo.

*“Why do we do things? The instinct that drives us to do them already owns all the information of the project. We have to learn to read into things that we do. Humans come to term with their own intelligence when they see they’re fully capable of establishing relations between things that first sight keep no connection.”*

FISURAS, 2009

A ampliação do vínculo ou da conexão, que poderia fornecer os projectos públicos pela sua diversidade e escala, por vezes, não se traduz num crescimento positivo nas forças construtivas e da concentração de pessoas. Gerar diversidade, não significa que a metrópole se ausente de flutuações de pessoas que alteram o sentido de mudança, podendo-se tornar numa *diversidade autodestrutiva*<sup>47</sup>. A capacidade de isolar e discriminar nas ruas contemporâneas todos os sub-fenómenos que assentam nesta autodestruição, poderemos referir que, dentro do ambiente público urbano, inicia-se um processo de experiências isoladas e localizadas, que permitem uma dissociação da cidade como ideia de espaço de “uso misto”. O desdobramento da metrópole em reprodução excessiva num lugar, e a fronteira deserta entre este último, prevê o fracasso da cidade numa experiência encerrada em sucessos circunscritos. A procura de sinais sociais e manifestações que se emancipam no consumo de experiência, encontra-se nos *espaços especiais* de uma cidade que constitui uma positiva interferência no uso do espaço público.

46 Bandeira, P. (comunicação pessoal, Maio 2010), Conferência “Na superfície”, FAUP

47 Jacobs, Jones, “A morte e vida de grandes cidades”, tradução Carlos Mendes Rosa, edição Martins Fontes, São Paulo, 2001, edição original “The death and life of the great american cities”, edição Random House, 1961



### 3.1.2. Experience Age

A intervenção urbana *Spacebuster* absorve as variações de intensidade entre a abordagem espacial e a declaração pública do espaço enquanto canal comunicativo. Este espaço em mutação, monta, desmonta e acrescenta mais uma parede translúcida aos espaços inconstantes da cidade de Nova York (Estados Unidos da América).

Ainda que este projecto esteja associado a um espírito conceptual pós-moderno do grupo londrino *Archigram*, formado em 1963 com base na *Architectural Association - School of Architecture*, na intenção de narrar, hipoteticamente, o destino da imagem e perspectiva do quotidiano presente, esta intervenção concretiza a alteração dessa estética. Desta vez o simulacro experimental pós-moderno, liberta-se da disciplina e dissolve o passado, presente e o futuro num aparelho urbano cibernético multifacetado. A proliferação espacial deste disforme objecto sob o clima urbano, integra e desintegra consigo uma estética, uma natureza e uma experiência que expande, não só a memória da *importância da representação da imagem da cultura no pós-moderno*<sup>48</sup>, mas também a cultura em si, cada vez mais dissolvida com o ambiente social contemporâneo.

48 Jameson, F. (1998), Transformations of the Image in Postmodernity, *The Cultural Turn – Selected Writing on the Postmodern 1983 – 1998*, London e NY: edição Verso

49 Shapiro, G. (2009, Abril), NYC (acesso em 28 de Agosto de 2010) [www.raumlabor.net](http://www.raumlabor.net)

50 Raumlaborberlin began working on the issues of contemporary architecture and urbanism in 1999. In various interdisciplinary working teams we investigate strategies for urban renewal. Raumlabor does urban design, architectural design, build, interactive environments, research. (acesso em 28 de Agosto de 2010) [www.raumlabor.net](http://www.raumlabor.net)

51 Mitchell, T. (1988), The product as a illusion, *Design after Modernism*, Thackara, J., London: Thames & Hudson

*Spacebusting*, cada vez mais ausente do padrão moderno, e com algumas reminiscências na filosofia estética pós-moderna, funciona como um “captador de espaço”, flagrante, volante e informe, consumido e absorvido pela materialização de eventos. *New York is full of invisible walls*<sup>49</sup>, contudo este projecto, para além de circunscrever um lugar deambulatório, pretende escrever uma memória no espaço urbano, uma lembrança experimentada e experienciada. O suspenso e translúcido balão deslocado por um camião, infiltra-se e invade os recantos ou retiros quase interditos da cidade, funcionando como um dispositivo que se liga e desliga temporariamente ao lugar, alterando a sua extensão como lugar de evento. Este bizarro objecto urbano introduz-se em busca de espaços de oportunidade na cidade, albergando paralelamente, um laboratório experimental de *raumlabor berlin*<sup>50</sup> que, durante nove noites percorreu a cidade de Nova York, num circuito de workshops e reflexões sobre os emergentes instrumentos urbanos que procuram ser catalisadores da metrópole. Desde o espaço mais centralizado de Manhattan até ao mais periférico de Brooklyn, a massa colectiva do *Spacebuster* procura captar as transições entre os microclimas e os significantes da cidade, percebendo de que forma e com que expressão sociológica urbana se desmembrou desde a década de 70 e 80, e qual o modo de activarmos ferramentas para a mobilizar.

O professor americano Thomas Mitchell defendeu que o abandono da ciência como disciplina de *ordem, estabilidade e simplicidade*, e a sua substituição por uma matéria que se expande em torno da *desordem, da complexidade e da mudança*, representam a *ciência da contemporaneidade*<sup>51</sup> como um *processo orientado*. A produção, em escalas variadas, de matérias públicas para cidade, é revisitada num sistema de multiplicidade, vitalidade, decadência e recuperação. Estas quatro condições alimentam e subalimentam a relação e inter-ligação entre o corpo material e a dimensão humana dos programas.

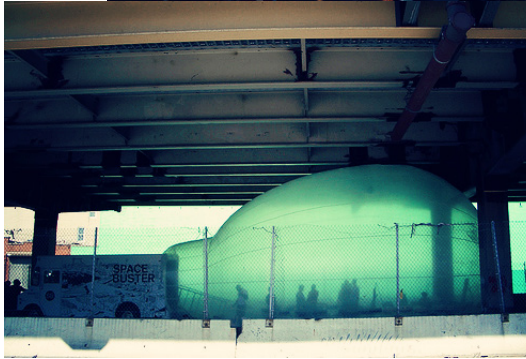
A metrópole, enquanto memória espacial e social, apresenta-nos e representa-nos como dispositivos que se pronunciam e funcionam como conexões inter-dependentes que, cada vez mais, se distanciam de uma dimensão perene e estável de produto, de objecto. Mitchell afirmou que durante os estudos sobre *design* ao longo dos últimos 50 anos, identificamos as diferentes fases e dimensões que os produtos e os seus usuários alcançaram, tornam-se mais dilatadas e propondo renovadas interações e dicotomias. Do “Hardware Age” (1965-75), passando pelo “Software Age” (1975 – 85), o nosso tempo identifica-se com uma nova etapa, a “Human Age” (Mitchell, 1988, p.208). Quando as indústrias japonesas da alta tecnologia asseguram que as necessidades das pessoas se destacam sobre todas as inovações tecnológicas emergentes, a atenção sobre a investigação de novos objectos volta-se para o domínio de uma linguagem, mais do que computadorizada e autónoma, uma linguagem tecnológica que invoca uma flexível correspondência entre o perfil dos utilizadores e as suas formas de aplicação.

Para procurar afinar os divergentes estilos de vida aos seus produtos, os *design centers* das empresas contratam, em crescente número, investigadores na área das ciências sociais e antropológicas, de modo a procurarem soluções fora dum campo mais tecnicista e tecnológico, mas humanizado, capaz de tornar um objecto integrado e não alheio à vivência social e psicológica dos produtos. Kevan Pearson, num artigo para o *The Times*, publicou em 1984, afirmou que a evolução tecnológica não se encontra na Tecnologia, mas embate-se intensamente no campo das Artes e nas Ciências Sociais<sup>52</sup>.

[...] antes de perguntar: como se relaciona a poesia com as relações produtivas da época, gostaria de perguntar: como se situa nela? O objectivo imediato desta questão é determinar a função que a obra assume nas relações de produção da escrita numa época. Por outras palavras, o seu objectivo é a técnica escrita da obra. Designo o conceito de técnica como aquele que, nos produtos literários, torna acessível uma análise imediata e materialista da sociedade.

BENJAMIN, 1934, p. 139–140

52 Pearson, K. (1984, 6 de Novembro), “In a renaissance world, IT skills may not be enough”, *The Times*





Space Buster, Raumlaborberlin Architects

2009, NY



---

3.2

---

---

# Espaço e cultura descentrada

---

## 3.2.1. A narrativa e a escrita do socio-espço

A linguagem “não é só um projecto tecnológico, mas também um projecto biológico, de evolução. A linguagem cresce connosco e ajuda-nos a formar pensamentos que nos permitem perceber a realidade e sobreviver-lhe. Quanto melhor percebermos a controlar a linguagem, melhor estaremos equipados para reconhecer, compreender e viver nos ambientes que constituem a realidade. É a substância da inteligência humana.”

BIOCCA, citado por KERCKHOVE, 1995, p.255

Os progressos tecnológicos ao longo dos últimos anos, afastam-se cada vez mais dos processos de construção dos produtos, focando-se, essencialmente, nas suas dimensões sociais e psicológicas, despertando e realçando a independência entre as linguagens. O forte carácter economicista e institucional, que acompanha a evolução da tecnologia, por vezes, diverge através de processos que pretendem aproximar-se do domínio de uma linguagem biológica que se traduz nos modos como a electrónica decifra o indivíduo e a sua *operatividade e cooperatividade* no Mundo.

A renovação da linguagem projectual pode, por vezes, estar direccionada para um processo de domínio político, no qual os relevos sociais e comportamentais são autorizados por uma esfera governamental que procura prever os novos contornos urbanos que se transferem para a cidadania. Na tentativa de antever e identificar as emergentes *formas de cidadania* e aprender a envolver-las juntamente com a cidade, o sector político cria, paralelamente, *formas de exclusão*<sup>53</sup>. Esta dicotomia, na estruturação duma cidade e duma sociedade socialista e democrata, expande-se em variados moldes, gerando um processo de transição de linguagem, intensivamente discutido pelos órgãos supremos.

A estrutura socio-espacial contemporânea representa os efeitos que a manipulação económica, arquitectónica e política, provocam no seu desenvolvimento como rede narrada através dum sistema social, de um sistema *biológico*. A confrontação com um espaço estabilizado por uma teorização da urbanidade, reproduz e reimprime papéis alternos à conduta instituída na cidade política. A linguagem social politizada inicia um processo de reedição, a partir dos anos 70 e 80 do século XX, convertendo-se e metamorfoseando-se em distintos dialectos que se conseguem reler hoje sobre o cenário contemporâneo. O desenvolvimento, que se previu, ser horizontalizado pelas infra-estruturas patenteadas pelo sistema político-económico, alcança, actualmente, uma dimensão disforme, onde se fixa,

53 Harloe, M. (1996), *Cities in the Transition, Cities after Socialism – Urban and Regional Change and in post-socialist societies*, Edição Andrusz G., M. Harloe & Ivon Szelenyi, Oxford, Cambridge : Blackwell Publishers (p. 10-11)

54 Petrescu, D. (2005), *Architecture and Participation*, London: Taylor & Francis

55 Petrescu, D., *How to Make a Community as Well as the Space for It*  
(Acesso no dia 4 de Junho de 2010)  
<http://www.re-public.gr/en/?p=60>

56 “Estos lugares son por naturaleza catalizadores de nuevas formas de agenciamiento descentrado de prácticas democráticas, creatividad no equivalente a la relocalización de la política central ni a la gestión liberal del municipio, sino a la reconstrucción y actualización constante de conexiones con otros proyectos locales, redes que nos llevan una ‘trans-democracia’ situada y emergente de una subjetividad colectiva a gran escala.” por Rodrigo Sepúlveda  
(Acesso no dia 23 de Junho de 2010)  
<http://lineasdevuelo.blogspot.com/>

57 Projecto GRL do colectivo Graffiti Research Lab  
(Acesso no dia 17 de Agosto de 2010)  
<http://graffitiresearchlab.com/projects/fuck-off/>

não só uma memória de marginalidade e pobreza, mas também uma *narrativa social*<sup>54</sup> embebida numa singular capacidade de se *sobre* e *sub urbanizar*. Esta escrita sobre a história gravada na cidade, procura ser a narrativa que se associa a uma autoprodução de colectivo, que procura, incessantemente, segmentos e múltiplos rostos de projecto entre a nova imagem pública da cidade. Esta concepção, paralela às estratégias governamentais, acentua a mutabilidade da narrativa, que Doina Petrescu dizia ser aquela que está inscrita, não nas paredes da arquitectura tradicional, mas num *plano somático de práticas de intercâmbio e hibridação que potenciam a criatividade e abrem possibilidades inesperadas de pensar a esfera público*<sup>55</sup>. O ritmo variável e o crescimento acelerado desta narrativa tornam-se o principal elemento imponderado, como forma de oposição ao passado, no qual era impraticável uma assimilação e uma sedimentação das intervenções. A cidade e a sua história só são possíveis através de uma consolidação contínua de espaços de transição para a natureza da vida urbanizada. A multiplicação de centros e de pontos de fuga, acontece hoje, desalinhada com um programa, ainda limitado, que, pouco a pouco, se aproxima de uma *trans-democracia*, que se permite a subjectivar os fenómenos articulados à comunidade urbana<sup>56</sup>.

Dedicado à afirmação da narrativa social contemporânea, o projecto *Graffiti Research Lab*, fundado por Evan Roth e James Powderly em Brooklyn (Nova York, Estados Unidos), vincula a linguagem tecnológica sob a forma de dialecto/projecto interventivo na cidade. Artistas, escritores, engenheiros, designers e entertainers cooperam na investigação, sem fins lucrativos, de engenhos que permitem redesenhar o domínio e o espaço público. Sediado em diferentes países, este colectivo nascido em 2006, desenvolve um manifesto tecnológico que mobiliza e institui uma renovada contra-cultura associada a processos electrónicos. Através de canais comunicativos da web, este laboratório de *tecnologia marginal*, fomenta este espírito, publicando o modo como se processam e, se constroem, todos os equipamentos aplicados no espaço público, disponibilizando todo o tipo de informação sobre o seu modo de operatividade.

Delineando as novas fronteiras informativas da cidade, o trabalho GRL publicado sob o título “*El Corte Inglés is Blowin’ Up*”<sup>57</sup>, narra uma experiência nocturna que ocorre pelas ruas de Barcelona. Uma bicicleta equipada com um sistema de projector DLP, permite que se esboce sobre as fachadas das grandes empresas aí instauradas. Entre frases de protesto, mais ou menos polémicas, a massa de pessoas que acompanha o seu percurso e se entusiasma com esta ferramenta, determina o vínculo que este engenho tem com o seu contexto, o lugar do projecto e do escritor. Funcionando, mais do que como um sistema de tecnologia aberta e em grande escala, este aparelho de escrita invisível e intocável, apesar de se desligar um pouco do conceito de graffiti, recria uma linguagem de gravação e de acção nos equipamentos urbanos que dissolve a imagem da cidade numa espécie de infinita tela tecnológica que se reedita e se reflecte sobre a pele das estruturas urbanas. Sob forma activista ou pró-activa, é discutível a legalidade e controlo deste tipo de abordagens à força

metropolitana policial, mas, de facto, o que resta deste evento luminoso sobre a arquitectura, fica na exploração da interactividade do escritor nocturno sob o espaço real, sob a, quase inalcançável, escala da arquitectura e, conseqüentemente, do domínio económico institucionalizado.

(...) architectures for the event is a project conceived with a intention to undertake a multi-angled exploration of a such a complex issue as the relationship between contemporary culture and the real or, to put it more delicately, this experience attempts to reflect on the effectiveness and ways in which contemporary art could benefit the development of the real experience by its users.

PERAN, 2001,p.118

Este projecto interdisciplinar (e também anti-disciplinar), encontra na interactividade e participação espontânea, uma forma de desmembrar as problemáticas de comunicação entre as organizações urbanas alternativas à cidade radioconcêntrica, criando redes de sistemas comunicacionais e serviços sociais gratuitos de modo a restituir e inserir valores sociais de colectividade ao projecto, dando forma ao conceito de obra pública. Quando existem lacunas no projecto urbanístico, acabam por surgir, sob a forma de carências de carácter funcional, privações de memórias, raízes e histórias inerente ao espaço urbano.

A deformação da substância tecnológica sobre um sistema de experiência fronteiriça ao campo urbano, encontra uma *forma fora da matéria*<sup>58</sup> concretizada numa multiplicidade de processamentos que, cada vez mais se aproximam de um exercício, mais do que projectual, sociológico e desfragmentado por uma enorme complexidade de forças que desencadeiam o seu funcionamento.

58 DeLanda, M. (2002). *Material complexity. Ponencia en seminario Digital Tectonics*, Bath :University of Bath

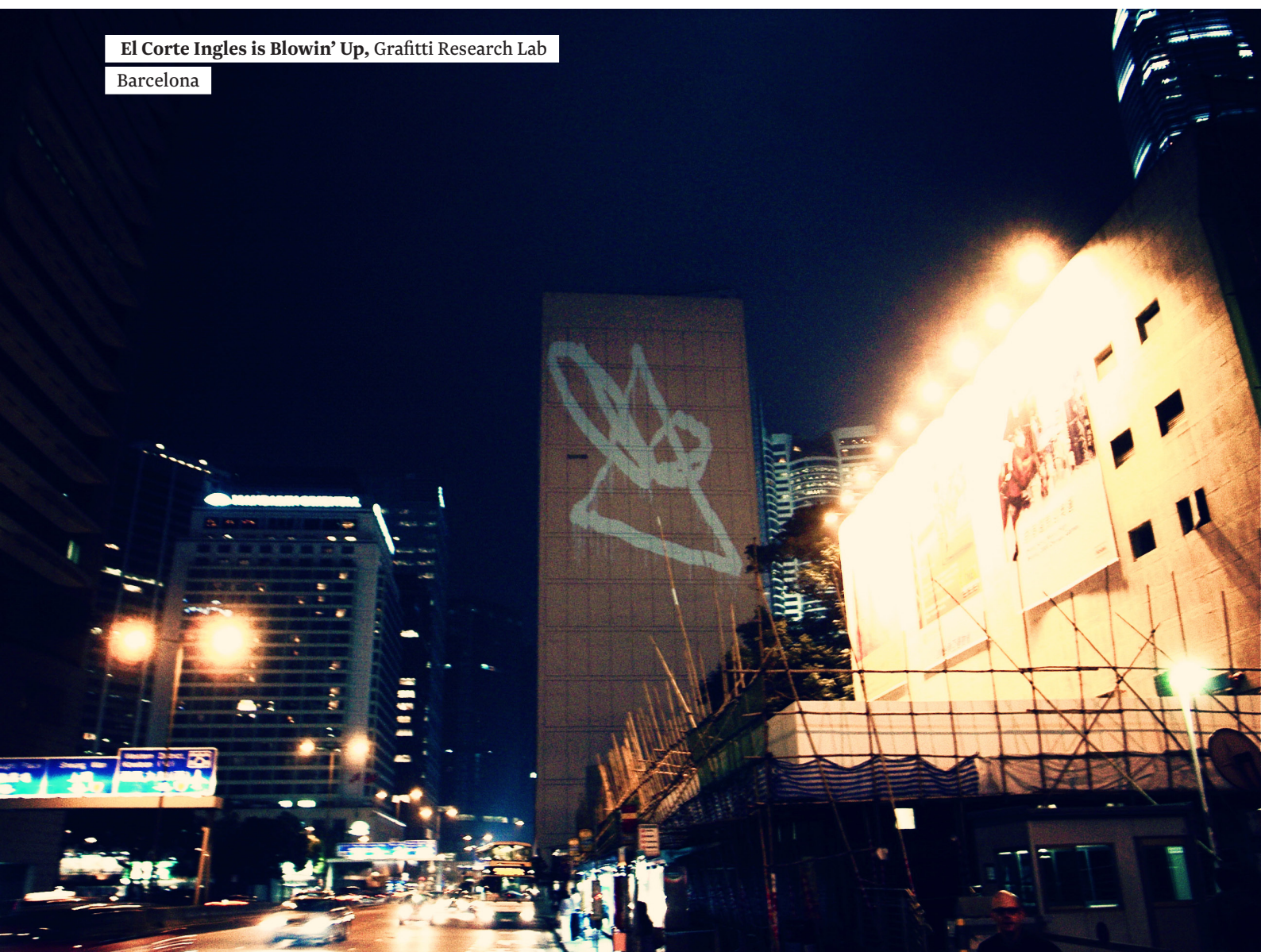
As interferências lançadas pelo *Graffiti Research Lab* provam que a *essência no desenvolvimento da humanidade está no desenvolvimento da capacidade de tornar a sua experiência cada vez mais complexa*<sup>59</sup>, colocando a condição contemporânea num espectro cada vez menos anónimo e voltado para domínio do espaço, onde o desconhecido e o estranho conseguem comunicar, tal como outro mecanismo urbano. A conseqüente anulação duma hierarquia classificadora de valores elementares e marginais, faz da inter-subjectividade, um discurso social que partilha uma rede anti-projectual e/ou trans-projectual. A gestão do espaço público é agora transferida de forma difusa e cinzenta, em torno dos novos delineamentos sugeridos por colectivos como o *Graffiti Research Lab*.

59 Sonnett, R.( 1991) ,*Exposure, The conscience of the eye – Design and Social Life of the Cities*, London: Faber and Faber Limited (p.132 1 133)



El Corte Ingles is Blowin' Up, Grafitti Research Lab

Barcelona



3.3

---

# A receita periférica

---

## 3.3.1. Projecto descentrado no espaço centrado

Apesar de existir a defesa de que a arquitectura representa a construção de um local, tornando-se na sua matriz, pode-se afirmar que será de máxima importância a consciência de uma relação contínua entre a arquitectura e o seu contexto. No caso de projectos que tendem a criar uma dinamização dum espaço suburbano marginal, a sua abordagem deverá ser delicada e rigorosa. Qualquer tipo de intervenção física, mesmo colaborativa, deverá respeitar a dinâmica local e, de nenhuma forma, a subverter. *A reabilitação é um acto invisível*<sup>60</sup> e só dessa forma poderá readquirir o carácter colectivo de cada testemunho arquitectónico e transformar, gradualmente e por etapas, áreas residuais em espaços urbanos consciencializados pelo bem de habitar.

Uma serena e modesta operação na estrutura interna duma comunidade poderá surgir e agir de forma segura sobre a própria volubilidade do sistema suburbano. O arquitecto espanhol Santiago Cirugeda recorre a uma configuração alternativa sobre as áreas de abandono, lotes inabitados que recriam e se emancipam do velho património urbano. A sua temporária obra *Puzzle-House*<sup>61</sup> representa a libertação de uma controlada urbanidade moderna e cristaliza a migração dos espaços e das pessoas que manipula e afecta a cidade contemporânea. Este projecto faz parte de um conjunto de outros programas de apropriação da cidade sob a forma de instalação artística e/ou arquitectónica que se designam por *Recetas Urbanas*<sup>62</sup>, que tiveram como organizador Cirugeda, e iniciaram-se em Agosto de 2004 por *Luca Stasi*, sem qualquer tipo de autorização por parte das autoridades locais.

Com um orçamento de apenas 120 euros e uma intensa participação e partilha de apoios na sua edificação, o conceito da *Puzzle House* (ou Quebra-Cabeças) infiltrado nos lotes urbanos vazios, oferece condições de permanência com a duração de um ano e um espaço que, pela sua orgânica, permite ser adaptado a variadas funções e eventos. Este modelo de actividade sobre estes vazios territoriais, permite que o processo de trabalho seja muito mais acelerado, sem que as barreiras institucionais e burocráticas impeçam o seu desenvolvimento por parte dos seus construtores e, conseqüentemente, dos seus utilizadores directos. Cirugeda, inconformado com a sua actuação como artista e arquitecto, sugere actualmente uma recente dimensão da arquitectura, que termina com a sua histórica permanência, tornando-a semi-efémera e socialmente instável, operando como um parasita que se afirma e desenvolve numa economia e numa mecânica política divergente, auto-construída com

60 Jodidio, Philip, Piano: Renzo Piano Building Workshop 1966-2008, Taschen, 2008

61 Puzzle House fica situada na cidade de Sevilha na Rua Barco, nº 9. (Acesso em 20 de Agosto de 2010) [www.recetasurbanas.net/](http://www.recetasurbanas.net/)

62 “Todas las recetas urbanas mostradas a continuación son de uso público, pudiendo ser utilizadas en todo su desarrollo estratégico y jurídico por los ciudadanos que se animen a hacerlo. Se recomienda el estudio exhaustivo de las distintas localizaciones y situaciones urbanas en las que el ciudadano quiera intervenir. Cualquier riesgo físico o intelectual producido con el uso de las mismas correrá a cargo del ciudadano.” por Cirugeda, S. (Acesso em 20 de Agosto de 2010) [www.recetasurbanas.net/](http://www.recetasurbanas.net/)

materiais reutilizáveis e estruturas pré-fabricadas que se fundem numa forma *on demand* sobre uma solo deformado. Declara que o ensino nas escolas se circunscreve a uma *realidade muito limitada e submetida a poderes políticos, económicos*<sup>63</sup> e impertinências dos –ismos ligados à arquitectura, ao Design e às Artes, desvirtuando um saber clássico, este anti-movimento, anti-cânone, corrige-se sobre si próprio, formando uma tentativa da substituição da substituição de pressões estereotipadas de projecto. Numa atitude mais ou menos radical e activista, o *Puzzle House* consente a proposta de ferramentas que reclamam a mudança e que exercem pressão sobre os modelos operativos da cidade, substituindo-os pela cooperação.

(...) a arquitectura parece sobreviver apenas quando salvaguarda a sua própria natureza negando o formato que a sociedade espera dela. Neste sentido, eu sugeriria que nunca houve qualquer motivo para duvidar da necessidade de arquitectura, porque a necessidade da arquitectura é a sua não-necessidade. Ela é inútil, mas radicalmente inútil. O seu radicalismo constitui a sua grande força numa sociedade onde o lucro é prevalente. Mais do que um suplemento artístico ou uma justificação cultural para a manipulação financeira, a arquitectura não é diferente do fogo de artifício, porque estas «aparições empíricas», como lhes chama Adorno, «produzem um deleite que não pode ser vendido ou comprado, que não tem valor de troca e não pode ser integrado no ciclo de produção.

TSCHUMI, 1975

A reconhecida desobediência urbana de Cirugeda confere aos seus projectos uma ampla e variada estratégia de experimentalidade, convertendo-se, mais do que numa arquitectura inconstante, numa forma de projecto itinerante sem quaisquer apoios institucionais. Através destas receitas urbanas, revivemos a cidade em liberdade, realçando novas narrativas sobre os lugares destituídos. Ocupado o espaço com a autorização dos seus proprietários, esta estrutura por não ter fundações implantadas, ultrapassou as leis municipais, sendo imediatamente autorizada. Com um valor de aluguer de 150euros por mês e um contrato de 1 ano e meio com o proprietário, o *Puzzle- House* esboça uma integra vontade dum permuta dum programa legal por um programa, quase biológico, que se torna vital para criar novos centros urbanos, novas atitudes perante a habitabilidade, e, essencialmente, a desvirtuação da lógica processual que se alimenta dum só fonte profissionalizante e que não permite uma desprogramação ao nível projectual e legal. Ela é o fragmento entre os consequentes fragmentos numa cidade que se desencontrou como Cidade.

A obra subversiva de Cirugeda transforma-se, repetidamente, numa oportunidade construtiva de projecto perante uma cidade com um ponto de vista crítico, entre contradições e conflitos urbanísticos que se promovem na malha contemporânea. Os ângulos projectuais associados a este tipo de manifestações traduzem-se numa nova visão sobre as mudanças físicas do panorama cultural urbano, sobre as fracturas de mudança. Aqui a arquitectura acontece, não de forma fronteira, circunscrevendo as nuances locais, mas deformando-se e articulando-se com um espectro social que se torna um dispositivo de continuidade.

A fomentação e preocupação projectual por um diálogo, entre o espaço centrado e descentrado, ocorre quando existe a capacidade de decifrar e traduzir, em forma de espaço, de produto e de serviço, as exactas necessidades e dinâmicas que a comunidade precisa para que se arquitecte enquanto comunidade integrada, incluída. A ampliação e difusão de estratégias e programas alternativos de *inovação* procuram fornecer uma nova dimensão social à arquitectura e ao design, uma rede humana comunicacional e reformadora que permite transferir a liderança dos processos projectuais para os seus utilizadores finais.

**Arquitectura:** Recetas Urbanas, Santiago Cirugeda, 2003

**Tipo de construção:** Casa desmontável sem fundações

**Materiais:** estrutura de aço, cobertura de alumínio, andaime, carpintaria, alumínio, armários em chapa de aço galvanizado, muro público reciclado

**Superfície:** Lote 25,5 m<sup>2</sup>; Ponte 1,8 m<sup>2</sup>; Piso 2 7,2m<sup>2</sup>

**Local:** Sevilha

**Data:** 2002-2003







---

# O PROJECTO E OUTRAS LIMITAÇÕES

---

NOVAS ABORDAGENS DE EXPERIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO PROJECTO SUBURBANO

4.1

---

# O projecto como momento do projecto

---

## 4.1.1. A arquitectura é um momento na arquitectura

Durante os anos 80, marcados intensamente por um movimento pós-moderno e difundindo as tendências projectuais em torno de uma imagem que, aos poucos, se encontra em movimentação com a memória e com o espaço, contribuiu, paralelamente, para um movimento tecnológico mais próximo do quadro moderno, em que o papel do projecto e do seu planeamento esteja cada vez mais associado ao seus usuários. A criação deste discurso mediador e catalisador de práticas encontra entre os cânones modernos, um conceito de pró-actividade e cooperatividade que se foi extinguindo e esbatendo à medida que o rigor material foi tomando um importante papel nas decisões éticas da modernidade. Muitos autores, como Maurice Lagueur, definiram *esta luta, como uma produção afastada da massa arquitectónica, interiormente ligada a uma luta narrada, entre a política e a escrita de autores, que conseguiu ultrapassar a discussão de projecto e defender doutrinas consideradas marginais*<sup>64</sup>.

Associado um pouco à revolução de Maio de 1968, o caminho de arquitectos como Lucien Kroll, questionava a existência de um processamento moderno baseado em burocracias que repelia a *arquitectura participativa*, acreditando que o poder de decisão do projectista era capaz de prever toda a complexidade do seu plano. O desenlace num planeamento codificado por estruturas que não possibilita o progresso de carências sociais e urbanas. Lagueur mencionou, à perspectiva visionária da arquitectura participativa, as referências de *processo de Yona Friedman*<sup>65</sup>. Mais do que um habitat implantado e suportado por uma condição moderna, a estrutura dos serviços, antes de um planeamento físico, era a sistema elementar para uma arquitectura que contornasse as desfragmentações sociais.

Outro arquitecto, o holandês Habraken, com ideias semelhantes às de Friedman, analisava e enfrentava a moradia instituída no século XX, como um suporte industrial agarrado a uma standardização rigorosa e especializada. No entanto, esta produção de habitar estava ou deveria estar conectada a uma componente essencialmente subjectiva de morar. Estas duas personalidades e pensamentos da década de 50 não tiveram qualquer êxito nas suas concretizações arquitectónicas. A ideia de participação dos habitantes e da comunidade, na forma como se estruturava e idealizava o espaço social teve mais tarde, já no século XXI, uma discussão mais envolvida e inserida na trama contemporânea. Considerado um ponto de fuga de êxito para a arquitectura, a matéria física, que provém da possibilidade do usuário

64 Maurice, L., *A cabeça do arquitecto*, 4º capítulo da tese (pág.41-43) artigo retirado do site vivercidades [www.vivercidades.org.br](http://www.vivercidades.org.br) (Acesso a 27 de Agosto de 2010)

65 Friedman, Y. (1972), *L'architettura mobile*, Alba:Edizioni Paoline

converter as suas necessidades em formas interpretáveis pelos projectistas, torna-se um processo complexo e de certa forma descontrolado sobre todos os mecanismos que conduzem a uma descentralização da produção. Em todo o caso, as forças sociais e a força da sobrevivência na cidade, associada a factores de marginalidade e pobreza, aceleram e antecipam este, ainda abstracto, conceito de cooperação. No caso da moradia moderna unifamiliar, com particular incidência nas décadas de 60 e 70, tratando-se, globalmente, de um processo estandardizado de vivência padronizada, o projecto constrói-se no interior de uma doutrina antecessora à prática. A tendência para uma resposta semi-automatizada do projectista, historicamente presente em muitas das memórias planeadas para o espaço social, transforma-se num entrave e compromete o futuro da obra enquanto auto-gestora da sua evolução. Neste caso, o projecto ocupa, em simultâneo, o momento e a continuidade, deixando de ser um lugar temporário, esgotando-se no projecto. O programa do usuário deixa de estar inserido no programa do projectista, sendo substituído por uma pretensão racionalizada da doutrina moderna.

A imagem descontínua, presente em muitas das cidades e nos bairros projectados, na intenção de salvaguardar um pensamento visionário de emancipação dos contextos marginais, transforma-se rapidamente num conceito que se desgasta pela sua usabilidade. A arquitectura ou, num sentido mais geral, o projecto, é um acto temporalizado e fechado à sua expansão e extensão. O desencadeamento de um processo interactivo e desvirtualizado sobre os usuários, parte de uma actualização das próprias pessoas que se associam ao projecto. O espírito de colectividade que promove o projectista poderá ser uma forma positiva de unir o habitáculo ao habitante. Incluir o perfil ou os perfis da comunidade, poderá não renunciar o planeamento, mas cria um novo compromisso com a responsabilidade material das estruturas. Conjuntamente com o momento de projectação, terá que se seguir um momento de manutenção para que aí aconteça a arquitectura.

A *self-architecture* acontece paralelamente a um racionalismo hierarquizado do programa arquitectónico. Associada a essa autonomia, cabe ao perfil de quem projecta encontrar na experimentalidade novos sectores de processo. O choque do conceito da imagem clássica da arquitectura ainda se encontra na sociedade, designado por Resina, como *sociedade depois da imagem*<sup>66</sup>.

Este novo momento da arquitectura traça um perfil que vai para além do pictórico ou do conceptual. A nova perspectiva e os novos limites da arquitectura são estudados depois da proliferação dos pós-movimentos. Pós-modernismo, pós-construtivismo, pós-situacionismo, ainda se encontram, na perspectiva da autora, enclausurados num tempo que se finaliza com outro tempo. Apesar de tudo, a *after-Image* continua a ser uma imagem, mas com uma movimentação mais abstracta. Apesar de existir uma projectação da imagem cristalizada num tempo, a imagem mental é mais do que uma ideia material circunscrita num processo histórico. A imagem da cidade, assim como a sua continuação e evolução, não se fecham ou se instalam numa identidade localizada, mas, admite uma impressão desfragmentada de diversas visualizações, com diversos efeitos visuais de edição e de re-edição. A simultaneidade incessante

66 Resina, J.(2003), The concept of After-Image and Scopic Apprehension of the City, *After-Images of the City*, edição, Hithaca e Londres: Dieter Ingenshay Cornell University Press

e inconsciente, associada à mobilidade e à produção informativa de uma cidade, envolve-se e extrapola-se, também, para o processo no projecto. A temporalidade e a intemporalidade coabitam dentro de um tempo contemporâneo, reflectindo-se no corpo de memórias e de experiências que se agregam de forma espontânea antes, no, e depois do evento. A essência da imagem no projecto não tem uma sincronia nem sequência, acaba por ser captada constantemente em fuga, celebrando a capacidade plástica e sua flexibilidade enquanto condição urbana. Esta informação visual, em layers, transmite um conjunto de condições e de limites que se operam sobre o modo como se projecta o irreconhecível e o complexo. A estrutura e a matéria, os serviços, a manutenção, o planeamento e o processo, enquadram-se num conjunto de ângulos sobrepostos que projectam o edifício num tempo sem tempo. A ideia racionalizada e localizada, de um início e de um fim de um projecto, já não sobrevive nos dias de hoje. Tal como as imagens, torna-se difícil balizar temporalmente o que existe hoje como imagem da cidade contemporânea. O abstraccionismo e a mudança perceptual da massa urbana não existem apenas na arquitectura, a *imagem da cidade flutua livremente pela a realidade de ambiente construído*<sup>67</sup>.

Hoje, a condição arquitectónica agrega e anexa novos sectores mutáveis e mediadores de experiências. A dificuldade entre teorizar e concretizar está, não só na forma como se identificam os vários canais de comunicação, mas também, como esses mesmos produzem novos canais. Não só a comunicação formal ligada ao mercado económico, mas também a comunicação informal e deslocada face à cidade, desfocam o projecto, colocando e centrando a personagem da cidade como elemento fluído da contemporaneidade. Os elementos projectuais que representam os “pós” de todo o processo dentro do design mostram-se incapazes de se adaptar a esta nova realidade. Apesar de tudo, essa incapacidade transforma-se, também ela, em influências na representação do trabalho do projectista. Esta claustrofobia torna-se igualmente uma inquietante abertura para a realidade como um equívoco.

67 “The image of the city floats free from the reality of the building environment” Robins, K. (2003), The concept of After-Image and Scopic Apprehension of the City, *After-Images of the City*, edição, Hithaca e Londres: Dieter Ingenshay Cornell University Press, p.6

#### 4.1.2. A acção e cooperação na narrativa do projecto

4.1.2. O programa funcional, em todo o seu esplendor, permite aos arquitectos levar a cabo experiências inovadoras nos métodos de participação e de concepção, bem como nas relações formais dos projectos com contextos humanos e urbanos específicos. A maioria dos projectos acaba por divergir das soluções adoptadas, em programas de habitação social anteriores, nos quais predominavam os modelos pós-CIAM. As soluções em altura, nas quais edifícios contínuos ou ligados eram, muitas vezes, deixados à margem da adaptabilidade e da auto-construção e acabavam por respeitar a morfologia urbana preexistente. No caso de Portugal, o projecto pioneiro SAAL tornou-se, assim, um acordo entre o projecto social e a arquitectura.

A obra e o pensamento arquitectónico de Nuno Portas aparecem, claramente centrados na dimensão política do projecto habitacional urbano. Debruçado no comprometimento social do arquitecto, a fundação do programa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), após um período de opressão ditatorial, reflecte a valorização de sistemas políticos, públicos, alternativos e autónomos como forma de criar dinâmicas urbanas funcionais, apaziguando os crescentes conflitos e de-sequilíbrios habitacionais da cidade.

A ruptura política e social de Abril de 1974, levou a uma mudança radical nas condições de vida da população portuguesa. Apesar destas transformações, o Estado acabou por se confrontar com as limitações de um país dependente, no qual um dos grandes problemas era a escassez de terrenos. Surge, deste modo, a *arquitectura como disciplina principal de mudança*<sup>68</sup>, na qual, a mesma, dá origem a uma reforma nas propostas de projectos, usando terrenos previamente adquiridos, projectos pré existentes ou concessões, dependendo apenas da vontade das empresas em cumprir os limites de preço e os padrões estabelecidos pelo governo.

O programa funcional do SAAL estabelece uma profunda reavaliação e reorganização da configuração da arquitectura e da sua plasticidade física e social. O SAAL tenta superar inúmeras contradições da modernidade e proporcionar, pela primeira vez, uma legitimação e uma instrumentalidade ética da arquitectura. O apelo ao não definitivo, inacabado e provisório passam a ser transmitidos, através da projectação de invólucros abstractamente geométricos e sem desenho, nos quais, a vida das pessoas manifestará e desencadeará a sua projecção através da personalização do espaço habitado, livre do gosto dominante.

Criar um sistema biológico de habitação recria um diálogo específico das estruturas físicas com a comunidade. A gestão das práticas identitárias não se encontra no plano projectual, mas num plano mais consciente da cidade. Um programa doutrinado de esboço projectual está intimamente ligado com a anti-arquitectura, que, afastando a esfera social, se torna numa obsessão projectual, criando cada vez mais barreiras de ligação e identificação da comunidade ao projecto. Procurando simular ou concretizar a compreensão do projecto por parte dos habitantes, as operações SAAL, operadas e cooperadas em Portugal, transferem ou procuram transferir o poder de decisão aos habitantes. Este esforço de resposta a um sis-

68 Portas, N. (2008), *Arquitectura para hoje*, 2ª edição, Lisboa: Livros Horizonte (edição original 1964)

tema representava a efemeridade do modernismo, na forma como as estruturas não se adaptavam e resistiam à mudança social. Os modelos arquitectónicos e comunitários generalizados pelo SAAL, procuram uma sedimentação cultural que só recentemente se tornou num pólo de discussão no seio político. A criação de uma continuidade entre o que se poderia renovar e o que poderia ser reajustado, envolve diferentes dados e reformula todos os objectivos estipulados na linguagem arquitectónica moderna. Integrado na equipa de trabalho, entre muitos outros nomes, Alexandre Alves Costa, introduz, experimenta e rectifica os novos meios de comunicação e as novas técnicas de documentar o projecto com a participação e colaboração da comunidade. Os estudos sociais e culturais exigidos, permitiam que a mutação dos programas funcionais fosse alterada em diferentes direcções, mobilizando as estratégias de decisão que delineiam a obra. As visíveis deslocações e mutações funcionais, que sofriam as estratégias modernas, provam, mais tarde, que estas soluções evolutivas não sobreviviam à contemporaneidade. Embora a teorização da obra aberta fosse insistida na doutrina moderna, esta flexibilidade na actividade projectual, não conseguiria ser esquematizada enquanto projecto, formando, segundo o que Nuno Portas defendeu, uma *arquitectura incompleta*. A fim de estender e totalizar a obra ao nível da vivência e da participação, os arquitectos do SAAL tentam adaptar essa existência de desfasamento, assimilando e procurando dominar a cultura regional, como forma de novos modos de criação e de produção. A escala do academismo moderno, apesar de inovadora, não permitiria problematizar o valor social da própria arquitectura. As células culturais do espaço-tempo procuravam ser equacionadas e introduzidas pela discussão e pela própria mão-de-obra. Esta interferência recria uma nova visão e um novo material histórico para a estática modernidade. A defesa da natureza, por oposição ao ambiente que procurava premeditar estruturas, revitaliza, ou introduz um dinamismo e uma intencionalidade emotiva no tratamento espacial.

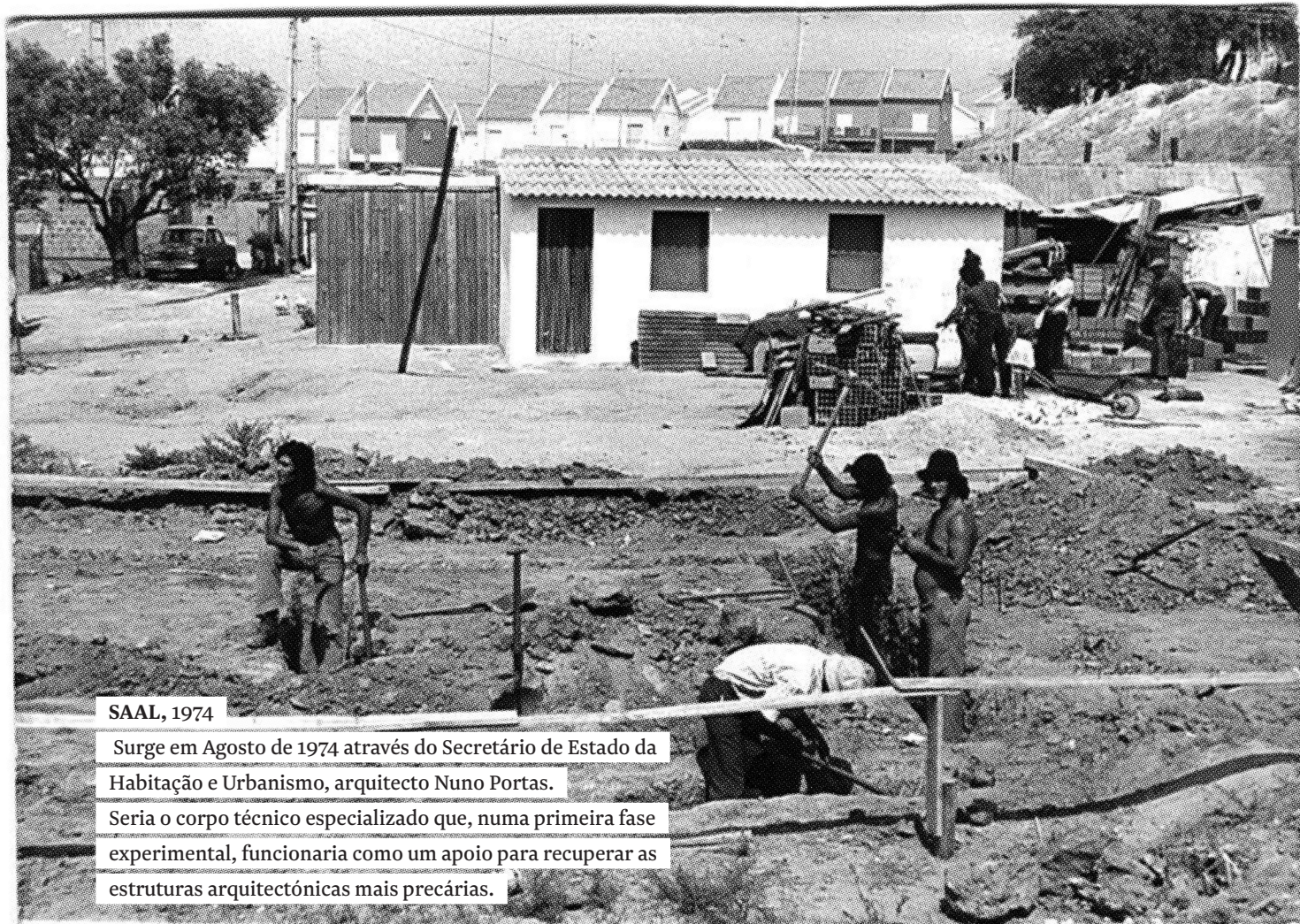
O projecto SAAL trabalha toda a massa pré-existente e anexada às relações antropológicas e populares com a cidade. Exhaustivamente, mas não de forma concretizada, os projectistas procuram imprimir uma corporação profissional sem qualquer preconceito. Esta reacção acontece na procura de um mediador, dentro de uma doutrina projectual ainda isolada e inoperativa, perante a transformação da sociedade. A atitude, mais do que radical, é plasticamente revolucionária, traduzindo-se num progressivo processo de desorientação histórica, adoptando e por vezes abandonando, todos os condicionalismos concretos que não incluem a experiência como valor elementar do projecto. A própria concepção formal dos colectivos habitacionais, promovidos e proliferados pelo SAAL, apesar de lenta, transfigurava a objectividade na assimilação de soluções projectuais e não projectuais. Transdisciplinar ou anti-disciplinar, a produtividade metodológica existia em grande complexidade. O processo e as técnicas industriais eram também inseridos no esquema de revisão de processos construtivos. A exigência de um projecto

69 Cauter, L.(2004), Reflect #3, *The Capsular Civilization*, , Bruxelas: NAI Publishers

*inter-relacionado*<sup>69</sup> não deve negar a importância dos seus utentes e não deve objectivar uma ideia em absoluto, poderá assim, ter um conjunto de prioridades, modeladas em espaços que se possam adaptar à permanência e à mutação social. O foco na investigação operacional dignifica e valoriza a criação e, paralelamente, a inclusão do campo social, cultural e antropológico de quem o habita. A construção de um método não poderá estar ligada à construção espacial, mas apenas aglomerar e articular os seus condicionalismos físicos e humanos.

Nuno Portas discute o exercício do SAAL quase como um meta-projecto dentro das intenções modernas. Esta nova fronteira renova o conceito da própria arquitectura implantando novas funções ao ambiente humano, histórico e natural, valorizando a continuidade e orientando o projecto de forma sustentável. A *caixa construtiva* habitacional não deverá ser contida em termos de aspirações humanas, deve sim, ser um filtro livre, orgânico e fluído, que se restitui de dentro para fora e de fora para dentro, transformando-se num volume em transição. O programa torna-se um componente, mais do que ambicioso, vital para o ambiente e as necessidades sociais do projecto, aproximando-se de uma linguagem que renuncia e sacrifica a arquitectura moderna numa realidade objectivada e experiencializada. Etienne Souriau<sup>70</sup> considerou que o *estruturalismo supra-funcional é fundamental para que exista a cultura do movimento na linguagem dos espaços, movimento esse que se reflecte na nossa experiência espacial*. É este o desafio da arquitectura actual. A tentativa de enriquecer a experiência não está vinculada a uma manipulação dessa prática. A experiência só poderá existir, existindo também respostas concretas e simbólicas, que conduzem a uma mutação dos actos e comportamentos comunicativos e linguísticos. O enraizamento da linguagem social procura explorar os elementos espaciais, as necessidades culturais e a sua semântica perante a tipologia arquitectónica.

70 Souriau, E. citada por Nuno Portas  
Portas, N. (2008), *Arquitectura para hoje*,  
2ª edição, Lisboa: Livros Horizonte (edição  
original 1964)



**SAAL, 1974**

Surge em Agosto de 1974 através do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, arquitecto Nuno Portas.

Seria o corpo técnico especializado que, numa primeira fase experimental, funcionaria como um apoio para recuperar as estruturas arquitectónicas mais precárias.

4.2

---

# Política participativa

---

## 4.2.1. A experiência como elemento projectual

A liberdade cultural e as suas mediações catalisadas para uma percepção aberta e multifacetada da cidade, podem reconhecer no projectista um lugar que perspectiva uma visão urbana em grande escala. Michell de Certeau, referiu uma perspectiva *King Kong*, que se afasta de uma visão térrea ofuscada por uma realidade próxima. A leitura da cidade no seu ponto mais alto, substitui o perfil de autor por um perfil de Voyeur, um ser não-participante, que se distancia dos códigos e das texturas urbanas. O panorama citadino combina historicamente um desejo de imobilizar a cidade numa espécie de plataforma multifacetada de diferentes manifestações participativas. Desde o planeamento das cidades renascentistas, passando pela modernidade, e a pós-modernidade, a cidade antes da arquitectura, recria uma série de choques que se manifestam presentemente na experiência do lugar. Muitas destas passagens históricas concentram-se no que é hoje a cidade contemporânea, envolvendo diferentes conexões e valorizando cada vez mais o indivíduo, não simulado, mas experienciado, sobre o evento. Esta é a cidade do aparecimento e do desaparecimento. A cidade da intemporalidade da imagem e de uma experiência enérgica exposta ao meio social. Entre a inter e a supra subjectividade, nascem estes novos processos de contemplação do planeamento e das práticas em volta da metrópole. A história da produção de arquitectura e de imagens consegue já encontrar nos seus produtos a participação como um nível elementar e concretizado da funcionalidade do projecto. O corpo da cidade, entre a palavra e a imagem, concentra-se cada vez mais num cenário complexo de acção e cooperatividade, cada vez com maior impacto.

A opacidade, que conduz a uma transparência da instabilidade dos programas para a cidade, torna-se um interessante processo auto-reflexivo e identificável, dentro de uma moldura que se altera de forma espontânea e independentemente do seu tempo.

O benefício de desenvolver uma experiência real dentro do ambiente projectual, poderá condensar e intensificar a relação entre o ser e o habitar. A *prisão projectual*<sup>71</sup>, consciente e rigorosa, torna-se apenas acessível a imagens, já exteriorizadas por um outro corpo. A dependência origina uma diferença de experiência que está para além do inesperado, que contorna e ultrapassa a acção numa criação descontínua, e uma experiência, igualmente detalhada e traçada fora dos limites da relação inscrita no passado e na tradição. A simetria, a que a imagem e o programa arquitectónico

<sup>71</sup> Benjamin, W. (2002), *Critical Constataions*, Cambridge: Polity Press

pretendem estar associados, define o início e o fim de uma mensagem. A criação de uma esfera implícita de conceitos, de intervenções e de serviços, que estão fora da analítica doutrina política, estabelece diferentes e autónomas referências, que se relatam numa ideia ou numa emoção, que se prepara para criar um efeito mais do que material, psicológico, psíquico e cultural. O processo, para além do projecto, tenta criar interpretações e sentidos, de forma a desbloquear muitas das estruturas que estavam afectadas pelas componentes ideológica e simbólica de uma programação hermética mediada, única e exclusivamente, pela força e pela doutrina da arquitectura. Os elementos visuais trazem consigo uma maior maleabilidade e aproximação experimental ao usuário, são eles que desencadeiam, sobre formas bi ou tridimensionais, uma extensão pós-visual do processo cultural. Institucionais ou não, são também eles que procuram a primeira camada ou pele sobre uma cidade que anseia uma comunicação ainda mais anexada à produção. O conflito entre a imagem inicial e, agora, uma imagem anexada a um texto, permite afirmar que a informação e a comunicação são pilares máximos da estruturação da cidade. A sua força e resolução tornam-se imaginários reais de uma sociedade pós-industrial.

A (re)produção cultural procura contextualizar imagens e textos, que alguns e pequenos manifestos tentaram quebrar. As barreiras que, até então, se tornavam visíveis na relação social da produção, na reorganização e reequacionamento dos significados culturais, procuram agora criar uma autonomia e uma posição de mediação e de abstracção de cidade, numa experiência que se gera em projectos, e cria uma dissonância e um distúrbio alinhados com um fenómeno cada vez mais associado ao ser biológico. A experiência simulada ou não simulada ajusta-se cada vez mais às irregularidades e à migração do próprio projecto. A capacidade deste processo ser auto-reprodutor consegue exteriorizar-se e criar um efeito viral incontroado. O evento e as audiências trabalham e emancipam-se numa expressão individual e, mais do que isso, humanizada. Apesar do carácter espontâneo e informal destas manifestações, a cooperatividade e a colaboração nos projectos entre o usuário e o contexto, estão expostas a alguns rituais. As grandes revoluções e a criação de novos dispositivos electrónicos, transformam-se em movimentos também de mudança social. A carismática cidade que vemos hoje, não é já a cidade injectada por um cenário pós-electrónico hipotético e imaginário. Hoje, a contextualização da mediação e da experiência verifica-se nos locais de trabalho e nos espaços de oportunidade, para desvirtuar e tolerar outras conceptualizações e narrativas. Os modos realistas ou ficcionais, que mantêm as narrativas da cidade separadas, são, na sua maioria, visuais e canalizados pelos *media*. Hoje, os *media* convertem-se em mediações, onde se formulam movimentos de chegada e de partida cada vez mais transversais no nosso espaço. O processo de civilização, associado ao cariz pós-moderno e capitalista, ainda não gerava diferença, mas sim, uma ironia dessa diferença. Os cidadãos são, actualmente, agentes livres que não se consomem pela matéria mediática, mas que consomem matéria mediada. *A incapacidade da conexão do pensamento estava divorciada dos projectos e das acções, assim como privada de se individualizar*<sup>72</sup>, contudo, quando especializamos o imaginário de

72 Appadurai, A. (2003), *Here and Now, Modernity at Large – Cultural Dimensions of Globalization*, Minnesota: University of Minnesota (Edição original de 1996)

acção nas pessoas, elas transformam-se em formas e matérias físicas do espaço. A evolução do equipamento urbano é de si um “sentimento de comunidade” (Appadurai, 1990,p.6), seja ela institucional ou espontânea. É uma forma de expressar o serviço gratuito e direccionado para a colectividade. Estando ou não associados a projectos e matérias urbanas, existem movimentações sociais que têm exactamente a mesma força que uma massa construtiva. Dianne Crane (1972) utiliza o termo *Invisible Colleges* referindo-se aos grupos que, neste caso, no mundo da ciência, se potenciam como comunidades capazes de se projectar e partilhar de uma mesma acção. Apesar deste fenómeno parecer socialmente biológico, este tipo de agregações são fenómenos mais complexos do que aquilo a que chamamos grupos. Estas massas críticas, não profissionalizantes, são relevos importantes e essenciais para se transferir conhecimento. Partem de experiência e de um contexto que se gera de forma descentralizada e climatizada, em torno de um conhecimento não-formalizado nem institucionalizado, mas que contribui para alguns avanços em divergentes direcções científicas.

#### 4.2.2. A experiência da Periferia como espaço de oportunidades

A investigação projectual que se gera, para além dos limites da disciplina e das práticas na arquitectura e no design, está, actualmente e iminentemente, focada no domínio público, que contribui de forma activa nos descobrimentos e discussões ligadas à actividade projectual profissionalizante. Assistimos à articulação de actividades e de eventos que se envolvem como participante pró-activos nas novas exigências do projecto. As práticas participativas são expandidas e disseminadas como a nova prioridade projectual, envolvendo um rigoroso estudo sobre o lugar do projecto na sociedade, de forma a enquadrar e contextualiza-lo, através de uma nova perspectiva. Esta actividade que emerge da actividade de ser projectista, aparece cada vez mais concretizada e envolvida no paradigma projectual e na forma como esta disciplina se identifica com a prática. A abordagem participativa no processo de *design*, está vinculada com a alteração de valores na escala das oportunidades que a cidade pode estabelecer com o projecto. Os benefícios da participação experimental tornam, um longo processo de trabalho, num evento que demanda agregar as estruturas excluídas à memória urbana. Recentemente, o aparecimento de colectivos nómadas e instituições académicas, que assentam na perspectiva de um olhar mais experimentado e menos estereotipado e decidido, concretiza a expansão de *recomendações projectuais*<sup>73</sup> que permitem investir na investigação de mecanismos pouco sistematizados no seu desenvolvimento e uso.

O trabalho no terreno, próximo das comunidades e dos seus espaços camarários, define áreas de investigação e intervenção que poderão gerar soluções alternativas e válidas, socialmente contextualizadas, como é o caso dos projectos do colectivo *Stalker*.

73 Jenkins, P. & Foryth, L. (2010), Current Challenges for the UK , *Architecture Participation and Society* , NY: Routledge

“Stalker defines itself as a Laboratory of Urban Art researching into a real territory with special attention on the marginal areas of the big cities.”

PERAN, 2001, p.8

74 Stalker/ Osservatorio Nomade e Adriano Olivetti Foundation (2005), *Immaginare Corviale. Un Progetto*, revista Lotus, Milano: Editoriale Lotus (124)

O colectivo Stalker aborda as relações e a comunicação no espaço público através dum enérgico programa social que procura estar presente no terreno e no território, para melhor interpretar e decifrar a sua problemática e as suas áreas de actuação. O colectivo de artistas, recorre a esforços cooperativos e participativos, para encontrar as metodologias e soluções mais harmonizadas com o contexto local, definindo e transformando, activamente, a vida na comunidade num *laboratório experimental*<sup>74</sup>.

Procurando ter o papel crítico sobre a política projectual, são capazes de reeducar o modo como as dificuldades, naturais e sociais do trabalho, se tornam elementos essenciais para a desorientação do processo, que requer uma atenção mais intensa sobre as já existentes práticas. A valorização pelo corpo público e pela dimensão humana da cidade, adverte para uma iniciativa processual, que procura ter impacto sobre os domínios públicos e privados, com o objectivo de operar actividades também elas de participação indirecta. O compromisso entre o desenvolvimento social e o desenvolvimento material, fornece as bases para que participação directa e indirecta ocorra no plano de trabalho, para que se verifique um *feedback* antropológico da estrutura. Para essa necessidade ser substanciada, a busca por uma simulação prática e por outras formas de desenvolvimento na transferência de pesquisa para o campo real, deve acontecer, impreterivelmente, para que a mudança na atitude projectual se altere.

O projecto multidisciplinar *Osservatorio Nomade*, organizado pelo colectivo italiano Stalker, representa uma das inúmeras atitudes de investigação que encorajam a avaliação no processo de trabalho sobre as organizações físicas e sociais do património. Estruturando acções de exploração, onde *escuta e a relação com os ambientes, os habitantes e as suas memórias*<sup>75</sup>, sugerem os seus modelos interventivos. Conceber a cidade como laboratório, permite que aconteça uma redescoberta, não apenas nas ferramentas que utilizam, mas na forma como de se dirigem aos seus clientes, aos seus públicos. O exame antropológico permite que a regeneração do projecto urbano seja feito por novos canais relacionais e de comunicação, agenciando e alcançando novos níveis de participação entre determinados grupos ou áreas sociais.

Walkshop, projecto que recontava o caminho ao longo do Aqueduto das Águas Livres, da Nascentes da Mãe d'Água Velha e Nova até o Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, fornece uma experiência e contacto com o Aqueduto de Aguas Livres de Lisboa do século XVIII, que atravessa 18km pela cidade. O *modus operandi in loco*, fornece as pistas e aproximação imprescindíveis para que, o registo deste percurso, seja envolvido numa experiência que admite um reconhecimento da metrópole por uma outra óptica. A sensibilidade para denotar as adulterações e actualizações do território até ao crescimento contemporâneo da metrópole, reflecte-se numa resposta que poderá favorecer a dimensão criativa duma eventual

75 Stalker/ Osservatorio Nomade (Acesso em 16 de Julho de 2010) [http://land4us.blogspot.com/2009\\_05\\_01\\_archive.html](http://land4us.blogspot.com/2009_05_01_archive.html)

participação. Este caminho percorre-se, não só no espaço, mas também no tempo, observando a evolução, não só dos núcleos agrícolas, mas também, essencialmente, das zonas mais fronteiriças e desprogramadas que circunscrevem a metrópole. Para o colectivo, a estruturação deste *walk* inicia um processo de afirmação da cidade e do seu desenvolvimento, numa acção participativa que permite contactar, conviver e narrar as factores que atravessam o corpo da memória e do território, através de um canal contínuo, que proporciona pistas de relacionamento que se aproximam em pequena escala e em movimento na urbanidade.

A prática contemporânea dos Stalker retira os projectistas do seu atelier, recriando um novo ambiente de trabalho, que se procura confrontar com um volume de informação no planeamento, na habitação e nos equipamentos, que deformam e descentralizam, conscientemente, as tradições e o automatismo histórico do processo. A estratégia *input/output* esboça um plano de tipologias interventivas que, através de uma série de registos, fotográficos, desenhados, sonorizados, deixam que a cidade os absorva, facultando ligações que posicionam positivamente o processo num estádio ilimitado de respostas e de linguagens que auto desencadeiam um diálogo com o território.



**Walkshop, Aqueduto de Água-Livres, Stalker, 2009**

Francesco Carreri, Lorenzo Romito e Marc Latapie (Stalker/Osservatorio Nomade | Roma),  
Jean-Philippe Vassal (Lacaton&Vassal Architectes | Paris),  
Luís Santiago Baptista (arq|a Arquitectura e Arte | Lisboa),  
Teresa Marat-Mendes (ISCTE | Lisboa)

Data: 27- 30 de Maio 2009

Local: Lisboa



---

4.3

---



---

# Colectivo Elemental

---

## 4.3.1. Quinta de Monroy - Espaço, Tempo e Habitante

*“ É desta forma que esperamos contribuir, com ferramentas arquitectónicas, para questões não-arquitectónicas, neste caso, como ultrapassar a pobreza.”*

ARAVENA, 2009

A visão e política projectual do colectivo *Elemental* foram adoptadas como princípios de renovação ambiental das áreas degradadas, tomando como ponto de partida, as preferências da população e os tipos e escalas preexistentes na malha urbana. É um processo de cooperação entre o Estado e os cidadãos, no qual, a sua vocação social e respectiva organização, foi tomada em conta, adaptando a arquitectura ao contexto social e físico, libertando preconceitos de criação formal, dando azo à experimentação e aprendizagem mútua. Este colectivo chileno, inicia em 2003, um projecto para a zona costeira da Quinta de Monroy (Iquique, Chile), que procurou destacar seu pensamento, quase trans-formal, sob a transição contemporânea.

O agravamento demográfico e a convergência de grandes populações nas metrópoles constituem um dos mais sérios e incontrolados problemas da contemporaneidade suburbana. A habitação social torna-se, por vezes, incapaz de acolher as necessidades dos seus residentes, forçando-os a abandonar a sua própria comunidade, em direcção aos locais mais periféricos e descentrados.

O Chile, apesar de ser um dos países da América do Sul com maiores taxas de riqueza, confronta-se, nas suas metrópoles, como um crescimento disforme e inepto, transgredindo as fronteiras funcionais da cidade. As grandes áreas de evolução urbanística, usualmente, apresentam uma mudança instável e desprogramada com a restante dinâmica. Muitas famílias que migram para os centros urbanos, acabam por se fixar na periferia por existir uma oferta de rendas mais baixas. Esta é uma das razões pelas quais, os focos fronteiriços sul-americanos se desagregam do controlo urbano governamental. As áreas de habitação, que subsistem das oportunidades de emprego na cidade central, adoptam uma condição marginal, concentrando, na sua maioria, os habitantes das classes mais baixas da cidade.

Tradicionalmente, o conceito de habitação separa o construtor do utilizador, contrariamente ao que acaba por acontecer no projecto *de Monroy*, no qual a participação dos moradores na elaboração da habitação, a sua liderança nos processos técnicos e administrativos, e a mobilização de recursos próprios da comunidade local, eram alguns dos principais objectivos. O diálogo e os fluxos de informação

76 Graça Dias, M. (2009), *JA - Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos ( Vol. 234)

77 Aravena, Alejandro, *La ciudad como fonte de equidad*, *VERB CRISIS*, Actar Barcelona- NY: Boogazine de Arquitectura de Actar, (vol 6)

eram, de certa forma, privilegiados em todo o processo de concretização projectual. Os moradores gerem e controlam o projecto, *definindo as caixas que moldam a comunidade*<sup>76</sup>. O colectivo Elemental, contratado pelo *Programa Chile Bairro del Gobierno*, opera este programa de acção, tornando possível que uma comunidade com 93 famílias tenham acesso uma casa tal como uma família de classe média. O arquitecto Alejandro Aravena, coordenador desta iniciativa, procura desencadear, não só um projecto, mas um processo de mudança sobre uma *problemática marginal que se interiorizou na rede metropolitana nas últimas três décadas*.<sup>77</sup>

O terreno de Monroy foi ocupado nos anos 70 para produção agrícola e pastorícia, contudo, a sua potenciação dentro de um espaço centralizado de Iquique, acabou por estender o seu processo de expansão para os principais canais da cidade. Aliado a um crescimento na actividade agrícola, a comunidade que aí laborava, principiava os efeitos de enraizamento social, acentuado e circunscrevendo cada vez mais este lugar no cerne da massa urbanizada. Depois de uma luta judicial em 1995, que procurava rever os direitos da comunidade sobre as pressões e interesses imobiliários, os residentes da Quinta de Monroy, viram a partir de 2001 oficializada a sua permanência no local, que se torna num importante componente social de resistência ao desenvolvimento da cidade de Iquique.

Entre diferentes fases de ocupação territorial e do seu estabelecimento como comunidade, Monroy atravessou em desenvolvimento construtivo um pouco adverso, apesar da sua localização em relação à cidade ser um excelente vínculo de oportunidades de trabalho, transportes e serviços. A rede social estava já estabelecida, embora, na sua essência, restava restaurar a dignidade de um bairro, através de um novo projecto de reformulação de estruturas. Existindo já um visível sentimento de luta sobre as terras que lhes pertenceram, os inconformados e combatentes residentes, viviam em condições habitacionais e sanitárias ainda muito precárias, tornando-se assim reticentes à mudança no plano urbanístico que os governo lhes tinha instituído. Embora o impulso pela implantação duma comunidade fosse formalizado, o engrandecimento descontrolado desta comunidade, desenvolveu, para além de uma luta justa pelos seus direitos, um síndrome de delinquência ligado, essencialmente, ao tráfico de droga, que pelo seu urbanismo entrançado e labiríntico, favorecia a proliferação deste negócio, tornando-se cada vez mais urgente a alteração do plano social para uma melhor qualidade de vida, assegurando a continuidade da comunidade neste lugar.

Monroy é envolvido num planeamento que estreia em si um pensamento projectual, que envolve a evolução das necessidades dos seus habitantes, arguindo como cada vez mais concretizável a ideia de participação social num plano prático e realista. O combate à precariedade e aos sistemas improvisados de construção são, sem excepção, processos demorados e de uma enorme complexidade projectual, onde só se assegura um resultado positivo, se forem sucessivamente apoiados por serviços de educação e de gestão de espaço, que de alguma forma, estão próximos da comunidade e da sua manutenção. Esta proximidade participativa ao projecto,

recria uma supervisão atenta às dinâmicas arquitectónicas e não-arquitectónicas, e um compromisso fortemente profundo com o colectivo que o projecta.

O projecto “Quinta do Monroy”, materializa uma plasticidade e um fluxo formal, que acompanham, eficazmente, o acréscimo demográfico espontâneo dessa localidade. Estas habitações estão preparadas para poderem ser amplificadas pelos seus habitantes até ao dobro do seu espaço funcional, consagrando a comunidade com uma residência digna, com um espaço para habitar auto-gerido pelos seus moradores.

Embora subsistem muitos *clichés* associados a uma certa informalidade das estruturas suburbanas, e ao atrito social que gerou esta polémica obra sobre a comunidade, o trabalho do colectivo Elemental, acrescenta, no seu processo, diversas camadas à complexidade habitacional. Ainda que com um traço algo *standardizado*, associado às construções modernas, estas moradias em série foram projectadas com orçamentos bastante limitados, acabando por encontrar a solução na construção, não da totalidade da casa, mas da sua metade - um primeiro andar térreo, onde se encontravam todos os equipamentos funcionais e elementares à vivência doméstica. Conhecido como “arquitecto que faz meias casas”, Aravena decide criar uma base, uma moldura habitacional que se poderá expandir para um segundo andar, trabalhando em torno da designada, *low-cost technology*<sup>78</sup>. A construção desta dilatação espacial é decidida pelos seus habitantes, transferindo os encargos do projectista para o residente, tomando ele as opções práticas e formais da sua habitação. Esta moldura física, circunscreve um espaço de acção ilimitado para a comunidade, proporcionando-lhes a capacidade de editar a sua área residencial, conservando muitos dos traços pitorescos deste local.

De entre muitos projectos participativos finalizados, Monroy alcança um diálogo ponderado entre o exterior e a logística social, através de produtos/experiências ampliadores de transição espacial, que se afirmam como relevantes utensílios, aliviando uma tendência factualmente instalada de desagregação social. A metodologia, o sistema e processo sobre esta obra arquitectónica, questionam intensivamente o papel do espaço, do tempo e do habitante no projecto, mas, acima de tudo, questionam a função cooperativa do arquitecto dentro de um contexto, que ambiciona elevar e dignificar o que, historicamente, foi considerado fronteiro às máximas projectuais.

<sup>78</sup> “A movement is growing both within the professional design community design, engineering, and architecture schools to direct our practices toward socially responsible, sustainable, humanitarian design. This represents a sea change, as the focus has shifted to underserved populations. In this paradigm, by working directly with the end users to determine what their needs are, designers are developing low-cost technologies which promote local economic growth and a way out of poverty.”  
Smith, C.E. (2009), *Design For Other 90%*, NY: Cooper-Hewitt, National Design Museum Smithsonian Institute (primeira edição 2007)

#### 4.3.2. As práticas e metodologias projectuais contemporâneas

A comunicação e envolvimento físico na comunidade formam interações processuais complexas, que visam definir as carências sociais e o modo como são geridas no seu espaço humano e habitacional. O espaço processual é um campo laboratorial em aberto, flexível, onde as necessidades reais se intercalam com soluções incertas e variadas, o lugar do projectista é percorrido pela totalidade do sistema. O design de acções num laboratório social autêntico, pode converter-se num rico exercício *co-operativo* tanto a nível um académico como profissional. Justificando esse trajecto, e aprofundando um pouco mais o espírito do colectivo Elemental, torna-se pertinente pensar que o caminho projectual, tanto de Aravena como da sua equipa, está alojado num pensamento iminentemente experimental e pedagógico. Os ciclos projectuais ocorrem paralelamente a uma investigação *in loco*, ao abrigo de instituições de ensino como a Universidade Católica do Chile e a Universidade de Harvard. Estes dois motores na criação de hipóteses construtivas, geram, juntamente com a identificação da estrutura de *valores intrínsecos*<sup>79</sup> à comunidade, um novo reforço para a reconhecer num processo (e projecto) premeditadamente inacabado, o valor social, humano e cultural, reconhecendo nos *espaços-necessidades* que a promoção da desintegração da experiência deverá entrar em concordância com a obra na sua inteireza.

79 *Portas*, Nuno, “*Arquitectura para hoje*”, *Livros Horizonte*, 2008, Lisboa 2ª edição (edição original 1964)

A atenção particular sobre o espaço real e o espaço experimentado, garantem um avanço social no que diz respeito à participação do indivíduo na actividade produtiva dentro do espaço arquitectónico. São restrições e limitações deste tipo de desafio, mais do que construtivo, reflexivo, que fazem com que este colectivo se aventure numa pesquisa, que vai desde a materialidade das estruturas, ao programa funcional, à localização e direcção, passando pela obrigatoriedade de reformular, actualizar.

O processamento do trabalho, desde o envolvimento da comunidade, na escolha das volumetrias para o espaço habitacional, ao estudo e captação de elementos que teriam, não de ser eliminados, mas sim transitados para um outro tipo de abordagem, estão documentados e são pontos, notoriamente valorizados como se o processo, neste caso particular, se transformasse na única forma de representar este projecto.

Entre uma visão mais profissionalizante e outra, captada por um conhecimento de todas as transfigurações sociais e materiais, encontra-se um permissão para narrar, introduzir e reintroduzir no projecto, variados elementos humanos e espaciais, em torno de um discussão aberta e moldável, que poderá reestruturar a noção de preceito participativo, desta vez de forma cada mais identificável.

Com uma forte e sedimentada visão participativa *pro-activa* no processo em design, a sua pesquisa por soluções e escolhas projectuais, passa a ser exercida e controlada pelos membros comunitários, que operam na equipa de trabalho. A dinâmica num grupo multidisciplinar com projectos visionários, forma uma espécie de *lugar público do design participativo*<sup>80</sup>, onde se encontram e cruzam ideias, necessidades e ambições para a comunidade.

80 Greenway, D. (1987), *The Davis Greenway Project*

A reestruturação do acto participativo, revigora esta acção, sob forma, não de projecto, mas de um meio comunicacional, revisitado, inúmeras vezes, quando são abordadas as problemáticas ligadas a uma política popular, vizinha da comunidade. No entanto, não deveremos confundir, acções colaborativas de acções cooperativas. Numa participação social, Chantal Mouffe<sup>81</sup>, *defende que são processos inversos de acção*. O *antagonismo*, associado à cooperatividade, refere-se a uma relação amigo-inimigo, enquanto que a colaboração, assume-se como um "agonismo", uma forma de alternativa de ser opor a determinadas posturas projectuais. Tanto de forma divergente como de forma contraposta, a participação constrói-se sempre em torno de uma postura crítica sobre as matérias sociais, produzindo e balançando propostas de forma a articular pensamentos e interpretações.

Essas metodologias colaborativas na arte, no design e na arquitectura permitem comunicar directamente com o ambiente social e com a obra, envolvendo diferentes intervenientes e produzindo novos instrumentos projectuais, capazes de se enquadrar na *condição contemporânea*. A reflexão sobre os sistemas urbanos e a sua disponibilidade para se totalizarem através de um programa social activo e planeado, pode converter-se numa emergente urgência no contexto da arquitectura e, igualmente, no design contemporâneo.

No caso particular do projecto de *Iquique*, o modelo integrado em Monroy, recria um espaço simbólico de destruição ou domesticação de valores de exclusão e de desintegração da rede urbana, acreditando que o conflito crítico gera uma participação produtiva, que se poderá articular com todos os domínios públicos da comunidade. Esta contribuição, para o desenvolvimento de renovadas práticas e metodologias projectuais contemporâneas, desfoca-se da cidade central, como aglomerado massificado de imagens, focando-se na cidade *uninvited e outsider*<sup>82</sup>, como um encontro imediato no espaço de conhecimento e de consenso conflituoso. Estas forças abruptas, encontram-se visivelmente no esboço urbano deste controverso projecto, e, sem tentar combinar uma ideia romântica de participação na condução do projecto, a pró-actividade política pretende estar associada às intenções projectuais, onde a *necessidade de transformar e articular as relações de poder deve estar presente a todos os níveis de produção* (Mouffe, 2008) contemporâneos.

Da mesma matéria que se define a participação, podemos definir e incluir, na mesma dinâmica, o próprio funcionamento da comunidade. Afinar esta sobreposição e justaposição de conflitos que existem no seu cerne e subsistem para além do seu contexto, poderá explorar um *espaço de transição performativa, discursiva e de consumo*<sup>83</sup>, que comunica e se associa de acordo com as normas comunitárias. Através da procura por uma interrupção das convenções sociais instaladas, a esfera social e material poderá enfrentar o seu desenvolvimento com uma outra postura, preparada para uma lógica de reprodução, que se permite anexar a outros valores que lhe são fronteiros. Uma comunidade que se deforma mutuamente na relação

81 Mouffe, C. (2005), *On the Political (Thinking in Action)*, London: Routledge

82 Miessen, M. (2007), *The violence of Participation*, Stenberg

83 Bridge, G. (2005), *In the community, Reasoning the city of difference – Pragmatism, Communicative Action and Contemporary Urbanism*, Oxon e NY: Routledge

com outras realidades, poderá afirmar um poder táctil no espaço social, decorrente de energias que lhe permitem reproduzir e sugerir renováveis características que se apresentam como elementos especulativos, críticos e activos, que exigem o espaço público como momento elementar de relações.

O trabalho do colectivo Elemental, alcança, em todas as fases do seu percurso projectual, um caminho na obra que permite, mais do que espelhar os desejos da comunidade, que a massa arquitectónica funcione como um filtro organizativo do corpo da comunidade. Este efeito processual acontece de forma gradual, autorizando que, ainda hoje, a produção improvisada de ampliação de espaços, seja assumida na intenção projectual. Esta obra acontece por um aglomerar de expectativas que desafiam a história das residências colectivas, a história de um projecto moderno que se instalou na comunidade centralizada, em forma de ilha circunscrita que não se expandia sobre o separatismo geográfico. Hoje as comunidades existem dentro de outras comunidades, um efeito híbrido nas relações contemporâneas, alimentador de um grau de autonomia, que resulta de uma intensificação da sua experiência enquanto plano em movimento.

“Persons come to be generated only out of large-scales frictions amongst distinct networks populations.”

WHITE, 1992 ,citado por BRIGE, 2005

Na interpretação e na transacção de conhecimentos fora da sua esfera dominante, as identidades, seja na comunidade, seja no projecto, geram a instabilidade que lhes permite desenvolver as suas faculdades e traçar dimensões profundas e cada vez mais híbridas. *A importação da essência e da consequência das interações sociais, de companheirismo, assistência mútua, direcção e reformulação da acção da luta, de lazer e de trabalho*<sup>84</sup> determina que o espaço-tempo deve estar, consequentemente, associado à conexão de todos estes componentes. O processo projectual não se inclui num sistema isolado de acções, mas existe nele um factor híbrido e uma articulação de iteração, projectação e prática, que deverá estar sensível e activo, para que as metodologias e práticas sejam capazes de acompanhar o processo relacional na sua continuidade. A criatividade e a crítica interventiva, transformam-se em meios canalizados para muitas das disciplinas. Monroy de Aravena atravessa a ambiguidade projectual suburbana de diversidade e multiplicidade, numa ocupação arquitectónica que se embebe sobre o processo de sobrevivência marginal, pretendendo criar uma experiência homogeneizada de espaço entre a ruptura e o conflito, ainda que com provas de uma intensa racionalidade sobre estas estruturas híbridas e antagónicas.

A inteligência de articular factores adversos a um processo que se procura resolver dentro de um lugar, não se encontra numa atitude instrumentalizada de poder de decisão, mas nas capacidades não-discursivas e de comunicação, implícitas à comunidade. As ferramentas de trabalho devem tornar-se meios especulativos de actividade e cooperação, criando uma estética de experiência aliada a uma inin-

84 Dewey, 1929, p.142, citado em Emirbayer, 1997, p.289

Citado por Bridge, G. (2005) , In the community, *Reason in the city of difference –Pragmatism, Communicative Action and Contemporary Urbanism*, Oxon e NY : Routledge

terrupta mediação linguística que promove cada vez mais o lugar ambulante das práticas, e a flexibilidade comunicativa da metodologia quase que instintiva ao meio. A mudança social prevê as tensões sociais, culturais, raciais e étnicas como elementos integrantes, que, estando anexados ao poder dominante, tornam o cerne social cada vez mais consciente de que uma experiência multifacetada é uma *pré-condição do universo do discurso*<sup>85</sup>, e existe como meio regulador da mundo social onde a racionalidade instrumentalizada é substituída por uma *racionalidade comunicativa* contemporânea.

As faculdade comunicativas, sejam *sistemas orientados ou sistemas de dispersão*<sup>86</sup>, vêem nos seus interlocutores, nos seus participantes, uma excelente forma de criar *tensões comunicativas*<sup>87</sup>, permitindo que se desfraldem conceitos emancipados de cidade, entrando num labiríntico conflito com valores existenciais e de identidade. Esta filosofia de comunicação abraça uma forma de inteligência social que permite evocar a capacidade generativa de cidade, envolvendo o seu contexto e a sua linguagem. A luta pelo território e pela identidade está associada ao crescimento dos espaços de comunicação e de eventos, criando a ressonância social que permite a evolução, extensão e justaposição da condição contemporânea como espaço alternativo.

85 Dewey, 1938,p.74  
Citado por Bridge, G. (2005) , In the community,  
*Reason in the city of difference*  
– *Pragmatism, Communicative Action and*  
*Contemporary Urbanism*, Oxon e NY :Routledge

86 Foucault, M. (1972). *The Archeology of*  
*Knowledge*, (A. M. Sheridan-Smith trans).  
London: Tavistock

87 Benjamin, W. (1989) *Obras Escolhidas I:*  
*Magia e Técnica, Arte e Política.*  
São Paulo: Brasiliense



Conjunto Habitacional “Quinta Monroy”,  
Iquique, Elemental, 2005





**Familias: 93**

**Área: 5.205 m<sup>2</sup>; 70m<sup>2</sup> (casa); 72m<sup>2</sup> (apartamento)**

**Data: 2003-2005**





---

# CONCLUSÃO

---

NOVAS ABORDAGENS DE EXPERIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO PROJECTO SUBURBANO





---

# Conclusão

---

A dissertação mostra como a consciência de uma necessidade de reformulação do espaço urbano permite desenvolver, no âmbito projectual, novos processos e metodologias de abordar a condição contemporânea. A expansão da cidade para fora das suas fronteiras, converte-se numa excelente oportunidade de trabalhar e reinventar suportes e dispositivos, cuja articulação, escreve e actualiza a narrativa contemporânea. Contrariamente ao espaço moderno, que cristalizava o processo projectual num acto repetitivo e automático, o espaço actual, é a plataforma que faz convergir e dispersar a Cidade em diferentes direcções, assumindo-se como lugar de diversidade, onde a experiência e a participação, directa e indirecta, acontecem na actividade social. As práticas contemporâneas das Artes, da Arquitectura e do Design alcançam, como nenhuma outra disciplina, a concretização e difusão de projectos que permitem uma afinação com o tempo e com o lugar social.

Da experiência à participação, os processos projectuais que hoje coabitam nos espaços, formulam premissas numa dimensão humanizada e sensível à mudança do paradigma de cidade. Das propostas modestas da dupla Haas and Hahn, passando pelo activismo político de JR, ao experimentalismo do colectivo Stalker, os mecanismos e as instrumentalizações processuais, convergem num conjunto de premissas que procuram dar resposta a um espaço em conflito e em consequente transição. A plasticidade na abertura destes projectos permite que se assista a uma maior fluidez entre o que é projectado e o que é experimentado, alcançado um conjunto de dimensões renovadas que acompanham as aspirações e necessidades sociais e políticas. Estas manifestações envolvem-se e proliferam activamente nos movimentos sub e contra-culturais, revelando um exponencial ganho de força sobre o território, e ampliando a capacidade de manipulação dos espaços por entre domínios que começam a ser resultantes da alteração profunda das práticas e das metodologias. O campo contemporâneo, aparece-nos assim potenciado, permitindo que o seu espaço não se restrinja nem se defina pela projectação, mas sim por via da intervenção, oferecendo a capacidade de estender, moldar e se sobrepor aos paradigmas projectuais.



---

# Bibliografia

---

Adam, B. ;BeckU. ; Van Loon, J. (2000) , *The Risk Society and Beyond: Critical Issues for Social Theory*, Londres: Sage

Agamben, G (2000)., *Homo Sacer*, Valência: Pré-textos

Anónimo(*Julho de 2009*), Fisuras da cultura contemporânea, Revista de bolso sobre a arquitectura, Madrid: Universidad Politécnica de Madrid- Escuela Técnica Superior de Arquitectura (15)

Appadurai,A.(2003), Here and Now, *Modernity at Large – Cultural Dimensions of Globalization*, Minnesota :University of Minnesota (Edição original de 1996)

Aravena, A.(2008), VERB CRISIS, Barcelona: Boogazine de Arquitectura de Actar, Actar Barcelona (vol.6)

Archer, J.(2005). *Architecture and Suburbia: From English Villa to American Dream House, 1690-2000*. Minneapolis: University of Minnesota Press

Ascher, F. (2001), *Les nouveaux principes de l'urbanisme. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour*, Éditions de l'Aube

Bandeira, J. (2005), *Portugal do Estado Novo. Arquitectura e Política do Espírito”: El G.A.T.C.P.A.C y su tiempo – política, cultura y arquitectura en los años treinta*, Barcelona: Fundación DOCOMOMO Ibérico

Bandeira, P. ( 2006), *Projectos Específicos para um Cliente Genérico*, Porto: Dafne Editora

Beck, U. & Risk Society (1992),*Towards a New Modernity*, Londres: Sage

Benévolo, L. (2006), *A cidade e o arquitecto*, Lisboa: edições 70

Benjamin, W. (1987). *Experiência e Pobreza, Obras escolhidas: Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense

Benjamin, W. (2002), *Critical Constataions*, Cambridge: Polity Press

*Benjamin,W.(1934), O Autor enquanto produtor, Sobre Arte, Técnica, Linguagem*

Botta, M. (1998), *Ética de Construir*, Edições 70, Lisboa, 1998

Bourriaud, N. (1998), *Relational Aesthetics*, France: Les Presses du Réel

Bridge, G. (2005) , *In the community, Reason in the city of difference – Pragmatism, Communicative Action and Contemporary Urbanism*, Oxon e NY :Routledge

- Bureau des Mésarquitectures, (2010, Janeiro/Fevereiro), *Perspectivas Críticas*, ARQA - *Arquitectura e Artes Contemporâneas*, Lisboa: Futurmagazine
- Câncio (2008), Fernanda, *Cidades Sem Nome: Crónica da Condição Suburbana*, Lisboa: Tinta da China
- Capela, J. (2007, Janeiro), *Para que serve a arquitectura?*, *Opúsculo 1- Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitectura*, Porto: Dafne Editora
- Carvalhais, J. (2005), *Nuno Portas- Prémio Sir Patrick Abercrombie*, Lisboa: editora Caleidoscópio e Ordem dos Arquitectos/Conselho
- Castells, M. (1996), *The Rise of the Network Society*, London: Blackwell Publishers
- Cauter, L. (2004) , *The Neo – Teatrical City – On the Old Metropolis and the New Masses, The Capsular Civilization*, NAI Publishers :Rotterdam
- Cirugeda, S.(2010, Janeiro/Fevereiro), *Perspectivas Críticas*, ARQA - *Arquitectura e Artes Contemporâneas*, Lisboa: Futurmagazine
- Costa, A.; Siza, A. ; Guimarães, C.; Moura, S. ; Fernandes, M. (1979), SAAL/NORTE. *Balanço de uma experiência, Cidade/Campo 2*. Lisboa: Edições Ulmeiro
- Cruz, T.(2008), *Cross-Border Suburbias* , *Worlds Away: New Suburban Landscapes*
- Cruz, T.(2008). *Arquitectura: Participación, Proceso y Negociación, Verb Crisis*, Barcelona: Boogazine de Arquitectura de Actar ( Vol. Ed. 6)
- Deacon, B. (2007) , *Global Social Policy and Governance*, London: Sage
- Deganello, P. (2005) , *Do habitar* , Matosinhos: Edições ESAD
- Deganello, P. (2005) , *Do habitar* , Matosinhos: Edições ESAD
- DeLanda, M. (2002). *Material complexity. Ponencia en seminario Digital Tectonics*, Bath: University of Bath
- Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB ( 2008) , *Post-it City – Cidades Ocasiones*, Barcelona
- Esche, C.(2005), *Modest Proposals-Collected Essays*, Istanbul: Baglam Press
- Esche,C. (2005), *Modest proposals and Foolish Optimism*, NeMe: Collectivity
- Fischer, F. (2000), *Citizens, Experts, and the Environment: The Politics of Local Knowledge*, North Carolina: Duke University Press,
- Fishman, R.(1987). *Bourgeois Utopia: The Rise and Fall of Suburbia*. New York: Basic Books
- Fisuras da cultura contemporânea* (Julho de 2009), *Revista de bolso sobre a arquitectura*, Madrid: Universidad Politécnica de Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura (15)

- Foucault, M. (1972). *The Archeology of Knowledge*, (A. M. Sheridan-Smith trans). London: Tavistock
- Foucault, M. (1984), *Des Espace Autres*, Architecture /Mouvement/ Continuité ( jornal francês)
- Foucault, M., *Espaços Outros*, *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 39, Espaços, org. José Bragança de Miranda (Original de 1984)
- Friedman, Y. (1972), *L'architettura mobile*, Alba:Edizioni Paoline
- Fuad-Luke, A. (2009), *Design Activism - Beautiful Strangeness for a Sustainable World* , Earthscan Publications Ltd.
- Fundação de Serralves (1991), *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: Anos Sessenta / Anos Oitenta*, Porto
- Glaser, M. (2008) ,*Construction Site: Metamorphoses in the City*, Lars Müller Publishers
- Graça Dias, M. (2009), *JA - Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos ( Vol. 234)
- Greenway, D. (1987), *The Davis Greenway Project*
- Hajer, M. & Reijndrop, A., (2002), *In Search of New Public Domain*, Rotterdam : NAI
- Harloe, M. (1996), *Cities in the Transition, Cities after Socialism – Urban and Regional Change and in post-socialist societies*, Edição Andrusz G., M. Harloe & Ivon Szelenyi, Oxford, Cambridge : Blackwell Publishers (p. 10-11)
- Harquel, J.(1990) , *História do urbanismo*, Editora Papyrus
- Harvey, D. ( 1990), *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*, Cambridge, MA: Blackwell
- Healy, P. & Bruyns, G., *De-/signing the Urban*, *DSD Publication Series*, O10 Publishers
- Howard, E. (1902), *Garden Cities of Tomorrow*. London: S. Sonnenschein & Co., Ltd
- JA - Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos ( Vol. 234)
- Jacobs, J. (2001), *A morte e vida de grandes cidades*, (Rosa, C. Trad), São Paulo: edição Martins Fontes (edição original “ The death and life of the great american cities”, edição Random House, 1961)
- Jameson, F. (1998) , *Transformations of the Image in Postmodernity, The Cultural Turn – Selected Writing on the Postmodern 1983 – 1998* , London e NY: edição Verso
- Jáuregui, J. (2008), *A Cidade em Evolução: Economias Informais ,Espaços Efémeros, Post-it City – Cidades Ocasiones, Barcelona*: Dirección de Comunicación da Diputación de Barcelona e o CCCB

- Jenkins, P. & Foryth, L. (2010), Current Challenges for the UK , *Architecture Participation and Society* , NY: Routledge
- Jodidio , P. (2008) , *Piano: Renzo Piano Building Workshop 1966-2008*, Taschen
- Kerckhove ,D. (1995), A Pele da Cultura - Uma investigação sobre a nova realidade electrónica, publicação original 1995, Somerville House Books Limited, Toronto, Canadá, 1997, Lisboa, edição Relógio d'Água
- Koolhaas, R. (2008). *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*, São Paulo: Cosac & Naify
- Koolhaas, R., Mau, B. (1995), *S,M,L,XL* , New York: Monacelli Press
- Kronenburg, R. (2008), *Post-it City – Cidades Ocasioneais* , Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB
- Lynch, K. (2008), *A imagem da cidade*, Lisboa: edições 70
- M.Peran. (2001), *Arquitectura del acontecimiento*. AAVV En tiempo real. El arte mientras tiene lugar. Fundación Luis Seoane. A Coruña 2001. (pp. 117-128)
- Maurice, L., *A cabeça do arquitecto*, 4º capítulo da tese( pág.41-43)
- Miessen, M. (2007), *The violence of Participation*, Stenberg
- Mitchell, T. (1988), The product as a illusion, *Design after Modernism* , Thackara, J., London: Thames & Hudson
- Mouffe,C. (2005), *On the Political (Thinking in Action)*, London: Routledge
- Ouroussoff, N. (2008, 19 de Fevereiro), Learning From Tijuana: Hudson, N.Y. Considers Different Housing Model, *The New York Times*, NY
- Pearson, K. (1984, 6 de Novembro), *In a renaissance world, IT skills may not be enough*, The Times
- Peran, M. , Cidades Ocasioneais (2008), *Post-it City – Cidades Ocasioneais* , Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB
- Peran, M.(2001), *Arquitectura del acontecimiento* , AAVV *En tiempo real. El arte mientras tiene lugar*, Coruña: Fundación Luis Seoane
- Pereira, G. (1995), *Famílias Portuenses na Viragem do Século*, Porto: Ed. Afrontamento
- Perlman, J. (2002), *O Mito da Marginalidade*, São Paulo: Paz e Terra
- Petrescu, D. (2005), *Architecture and Participation*, London: Taylor & Francis
- Petti, A., (2008), *Post-it City – Cidades Ocasioneais* , Barcelona: Direcção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB

- Portas, N. (1970), *A cidade como arquitectura*, Lisboa: Livros Horizonte
- Portas, N. (2008), *Arquitectura para hoje*, 2ª edição, Lisboa: Livros Horizonte (edição original 1964)
- Prado Coelho, A. (2009), *JA - Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos ( Vol. 234)
- Rahola, F. (2003), *Zone definitivamente temporanee, Iluoghi dell'umanità in eccesso*, Verona: Ombre Corte, (p19)
- Ramroth, William G. (2007). *Planning for Disaster: How Natural and Man-made Disasters Shape the Built Environment*. Kaplan Publishing
- Resina, J. (2003), The concept of After-Image and Scopic Apprehension of the City, *After-Images of the City*, edição, Hithaca e Londres: Dieter Ingenshay Cornell University Press
- Revista Arquitectura e Arte, (2009, Setembro), *Espaços Públicos*, Lisboa: Editor Futurmagazine – Soc. Editora, Lda ( 73)
- Robins, K., The concept of After-Image and Scopic Apprehension of the City, *After-Images of the City*, edição, Hithaca e Londres: Dieter Ingenshay Cornell University Press
- Rodrigues, Maria, *Pelo Direito à Cidade: O Movimento de Moradores no Porto (1974/76)*. Campo das Letras, Porto, 1999
- Santos, Boaventura de Sousa (1990), *O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1988)*. Ed. Afrontamento, Porto, 1990
- Sinclair, Cameron, *Design Like You Give A Damn: Architectural Responses To Humanitarian Crises*, Architecture for Humanity Staff, 2006
- Siza, A. (2009), *JA - Jornal Arquitectos*, Lisboa: Editora Ordem dos Arquitectos ( Vol. 234)
- Smith, C.E. (2009), *Design For Other 90%*, NY: Cooper-Hewitt, National Design Museum Smithsonian Institute
- Smith, Cynthia E, *Design For Other 90%*, 2007, Smithsonian Institute, publicado por Cooper-Hewitt, National Design Museum Smithsonian Institute, NY, primeira edição 2007
- Smith, Terry et. Al. (Ed.) (2008), *Antinomies of Art and Culture: Modernity, Postmodernity and Contemporaneity*, Duke University Press
- SOCZKA, L. (2005), “Viver (n)a Cidade”, in SOCZKA, L. [coord.], *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental, Lisboa, Gulbenkian, pp. 91-131*
- Soja, Edward W. (2002), *City Reader, The city of tomorrow and its planning*, Blackwell
- Solá- Morales, M. (2008). *De Cosas Urbanas*, ( P. Donoso, Trad.). Barcelona : Gustavo Gili (GG). 192-203
- Sonnet, R. (1991), *Exposure, The conscience of the eye – Design and Social Life of the Cities*, London: Faber and Faber Limited (p.132 1 133)

Stalker/ Osservatorio Nomade e Adriano Olivetti Foundation (2005), *Immaginare Corviale. Un Progetto*, revista *Lotus*, Milano: Editoriale Lotus (124)

Stanilov, K. (2007), The restructuring of non-residential uses in the post-socialist metropolis, *The Post-Socialist City: Urban Form and Space Transformations in Central and Eastern Europe after Socialism*, Springer

Stappers, Pieter Jan; Sanders, Elizabeth B.-N. (2008), *Co-creation and the new landscapes of design*, CoDesign, Taylor & Francis

Stappers, Pieter Jan; Sanders, Elizabeth B.-N. (2008), *Generative tools for context mapping: tuning the tools*, ID-StudioLab: Delft University of Technology, The Ohio State University and SonicRim

Steiner, A. & Debray L., (2010), *Illegality as the only liberating territory inside metropolises, Raf Guerrilla urbaine en Europe occidentale*. Paris: L' échappée

Tafuri, M. (2006), *La arquitectura del humanismo*, Madrid: Xarait Ediciones

Tan, P., (2008), *Post-it City – Cidades Ocasionalas*, Barcelona: Direção de Comunicação da Diputación de Barcelona e o CCCB

Thackara, J. (2006), *In the Bubble: Designing in a Complex World*, London: The MIT Press

Tschumi, B. (1996), *Architecture and disfunction*, First MIT Press – Paperback Edition

Tschumi, B. (1975), *The Architectural Paradox*, in *Architecture and Disjunction*

Varra, G. (2010, Janeiro/Fevereiro), *Perspectivas Críticas*, ARQA - *Arquitectura e Artes Contemporâneas*, Lisboa: Futurmagazine

---

# Weblografia

---

[www.28millimetres.com](http://www.28millimetres.com)

[www.boomerang.nl/favela](http://www.boomerang.nl/favela)

[www.casafamiliar.org](http://www.casafamiliar.org)

[www.raumlabor.net](http://www.raumlabor.net)

[www.recetasurbanas.net/](http://www.recetasurbanas.net/)

[www.jeruniverse.com](http://www.jeruniverse.com)

<http://graffitiresearchlab.com/projects/fuck-off/>

[http://land4us.blogspot.com/2009\\_05\\_01\\_archive.html](http://land4us.blogspot.com/2009_05_01_archive.html)

<http://lineasdevuelo.blogspot.com/>

[http://www.boston.com/news/globe/ideas/articles/2007/03/18/structural\\_integrity](http://www.boston.com/news/globe/ideas/articles/2007/03/18/structural_integrity)

<http://www.re-public.gr/en/?p=60>

<http://aliciapatterson.org/APF0703/Cohn/Cohn.html>

<http://faculty.virginia.edu/GrowUrbanHabitats/>

<http://cia31bism107.wordpress.com/2010/01/20/la-manzana-107-de-la-villa-31-bis-parte-1/>

<http://www.maclaarte.org/site/?p=528>

[http://www.akzonobel.com/news\\_center/media\\_downloads/images/products/index.aspx](http://www.akzonobel.com/news_center/media_downloads/images/products/index.aspx)

<http://www.favelapainting.com/santa-marta>

<http://www.mesarchitecture.com/blog/?p=75>

<http://urmienba.blogspot.com/2010/10/inaugura-post-it-city-ciudades.html>

<http://guayabero.net/blog/>

<http://whitetriangle.wordpress.com/2008/05/06/post-it-city-occasional-urbanities-cccb/>

<http://fmcultura.blogspot.com/2010/04/exposicao-cidade-informal-do-seculo-xxi.html>

<http://www.flickr.com/photos>

<http://rs.resalliance.org/2006/03/15/teddy-cruz-what-adaptive-architecture-can-learn-from-shantytowns/>

<http://visarts.ucsd.edu/something-happening/?p=79>

<http://www.vivercidades.org.br/>

